

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA
A EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE EJA**

MARIA APARECIDA GALLAS SALVALAGGIO

TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: da teoria à prática na EJA

**MEDIANEIRA
2011**

MARIA APARECIDA GALLAS SALVALAGGIO

TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: da teoria à prática na EJA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade EJA, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Câmpus Medianeira.

Orientadora: Prof^a.M.Sc.Marlene Magnoni Bortoli

MEDIANEIRA
2011



TERMO DE APROVAÇÃO

Tecnologia e Educação: da teoria à prática na Eja

Por

Maria Aparecida Gallas Salvalaggio

Esta monografia foi apresentada às 19 h do dia 05 de dezembro de 2011 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade EJA, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^a. M.Sc Marlene Magnoni Bortoli
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof^a. Especialista Joice Maria M. Juliano
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Especialista Nelci Aparecida Zanette Rovaris
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico este trabalho a todos os educadores que com sua luta diária buscam melhorar a condição do ensino neste nosso imenso Brasil.

AGRADECIMENTOS

Especialmente a Deus, por colocar em meu caminho pessoas maravilhosas como meu filho Guilherme e meu esposo Eliseu, que estiveram ao meu lado em todos os momentos desta caminhada me apoiando e entendendo minha ausência em muitos momentos importantes.

E as demais pessoas que contribuíram para a elaboração deste trabalho:

Aos professores, diretores e coordenadores das escolas que ofertam a Educação de Jovens e Adultos no município de São Miguel do Iguaçu e que serviram de base para esta pesquisa, respondendo ao questionário de pesquisa.

Aos educandos da EJA que gentilmente dispuseram de seu tempo para dar informações e responderem aos questionamentos.

A Professora *M.Sc.* Marlene Magnoni Bortoli, pela orientação, pelas correções e pelo apoio. Estas foram muito importantes no direcionamento desta pesquisa.

Aos coordenadores, tutores e professores do Curso de Especialização em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade EJA, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira, pelos conhecimentos compartilhados e por todas as orientações.

Enfim, agradeço, a todos que, de uma forma ou de outra, colaboraram para que este trabalho fosse finalizado. A realização desta pesquisa somente foi possível devido às contribuições e apoio de muitas pessoas. Pessoas estas, que auxiliaram em mais uma etapa de minha formação profissional e que tiveram enorme importância.

Há dois tipos de sabedoria: a inferior e a superior. A sabedoria inferior é dada pelo quanto uma pessoa sabe e a superior é dada pelo quanto ela tem consciência de que não sabe.

Tenha a sabedoria superior. Seja um eterno aprendiz na escola da vida. A sabedoria superior tolera, a inferior julga; a superior alivia, a inferior culpa; a superior perdoa, a inferior condena.

(AUGUSTO CURY)

RESUMO

SALVALAGGIO, Maria Aparecida Gallas. **Tecnologia e Educação: da teoria à prática na EJA**. 2011. 62f . Monografia (Especialização em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade EJA). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2011.

As diferentes tecnologias criadas pelo homem estão cada vez mais presentes em nosso meio. Elas influenciam nossa forma de pensar, aprender e de nos relacionarmos com o mundo. Esse constante acesso a informação, garantido pelos recursos tecnológicos influenciam também na escola, uma vez que o professor precisa adaptar seus métodos para incorporar o trabalho com equipamentos e informações cada vez mais precisas e interessantes. O objetivo deste trabalho foi, portanto, analisar quais são as contribuições do uso de recursos tecnológicos na Educação de Jovens e Adultos Fase I, levantando dados sobre o uso de diferentes recursos tecnológicos e a sua aceitação pelos educandos e repensar os meios de ensino e a atualização das práticas dos professores num contexto atual a fim de utilizar todas as possibilidades tecnológicas como forma de inovar a prática pedagógica. A pesquisa foi realizada com educadores e educandos das Escolas Municipais José Francisco de Oliveira e Henrique Ghellere, situadas no município de São Miguel do Iguazu, estado do Paraná. Como técnicas de pesquisa foram utilizadas a pesquisa bibliográfica, observação e questionários aos alunos e professores da EJA. Os resultados da pesquisa demonstraram que os professores utilizam os recursos tecnológicos que a escola oferece para enriquecer o seu trabalho pedagógico e acreditam que eles podem auxiliar na aprendizagem dos alunos, pois auxiliam na motivação e na diversidade de estratégias para promover a aprendizagem dos conteúdos. Os educandos também acreditam que a tecnologia pode favorecer a aprendizagem, pois facilitam o processo de construção do conhecimento.

Palavras-chave: Aprendizagem. Educandos. Educadores. Conhecimento.

ABSTRACT

SALVALAGGIO, Maria Aparecida Gallas. **Technology and Education: from theory to practice in adult education**. 2011. 62f. Monografia (Especialização em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade EJA). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2011.

The different technologies created by man are increasingly present among us. They influence how we think, learn and relate to the world. This constant access to information guaranteed by the technological resources also influence the school since the teacher must adapt his methods to incorporate the equipment and work with information more accurate and interesting. The objective of this study was therefore to analyze what are the contributions of the use of technological resources in the Youth and Adult Phase I collected data on the use of different technological resources and its acceptance by students and rethink the means of education and updating of practices of teachers in the current context in order to use all technological possibilities as a way to innovate the teaching practice. The survey was conducted with teachers and students of Municipal Schools José Francisco de Oliveira and Henrique Ghellere, located in São Miguel do Iguacu, Parana. Research techniques were used in bibliographic research, observation and questionnaires to students and teachers of adult education. The survey results showed that teachers use the technology resources offered by the school to enrich their educational work and believe that they can assist in student learning, because they help in motivating and diversity strategies to promote learning of content. The students also believe that technology can facilitate learning, because they facilitate the process of knowledge construction.

Keywords: Learning. Students. Educators. Knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Situação da EJA no Brasil	21
Figura 2 – Mapa da Localização Geográfica do Município de São Miguel do Iguçu	36
Gráfico 1 – Taxa de Escolarização das Pessoas entre 15 a 17 anos de Idade por Regiões Brasileiras	22
Gráfico 2 – Usos da Internet na Preparação das Aulas	42
Gráfico 3 – Fontes de Pesquisa Utilizadas para Desenvolver Planos de Aula .	42
Gráfico 4 – Recursos Tecnológicos Utilizados em Sala de Aula	43
Gráfico 5 – Gênero dos Alunos que Responderam o Questionário	45
Gráfico 6 - Faixa Etária dos Alunos Atendidos pela EJA Fase I	46
Gráfico 7 – Principais Motivos que Levaram os Alunos da EJA a Voltar para a Escola.	46
Gráfico 8 – Recursos Tecnológicos que os Alunos Dispõem em suas Residências	47
Gráfico 9 – Programas mais Assistidos pelos Educandos da EJA Fase I	48
Gráfico 10 – Locais onde os Educandos da EJA Fazem uso do Computador .	48
Gráfico 11 – Uso do Computador Anterior a Escola	49
Gráfico 12 – Participação nas Aulas de Informática Ofertadas pela Escola e Apreciação das Mesmas	50
Gráfico 13 – Contribuições dos Recursos Tecnológicos para a Aprendizagem	50
Tabela 1 – Taxa de Analfabetismo no Brasil	20
Tabela 2 – Formação dos Professores da EJA Fase I.....	40

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CONFINTEA - Conferência Internacional de Educação e Adultos

DVD - Digital Versatile Discs

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDBEN - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 UM BREVE CONCEITO DE EDUCAÇÃO	13
2.2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL	14
2.3 ALFABETIZAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO	17
2.4 MOBILIZAÇÃO E A EDUCAÇÃO POPULAR	19
2.5 A FORMAÇÃO DO EDUCADOR DE JOVENS E ADULTOS	23
2.6 A LDBEN E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	24
2.7 TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO	25
2.7.1 Considerações Sobre a Tecnologia - Ação e Produção Humana.....	25
2.7.2 Considerações Sobre o Uso da Tecnologia na Educação.....	27
2.7.3 Uso das Tecnologias Como Recursos Pedagógicos na EJA Fase I.....	28
2.7.4 Dificuldades do Uso das Tecnologias no Espaço Escolar.....	30
2.7.5 A Função da Escola Frente às Novas Tecnologias.....	32
2.7.6 Contribuições das Tecnologias no Processo Ensino/Aprendizagem	33
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
3.1 LOCAL DA PESQUISA	36
3.2 TIPO DE PESQUISA E TÉCNICAS DE PESQUISA.....	38
3.3 ANÁLISE DOS DADOS	39
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	40
4.1 RESULTADOS DOS EDUCADORES	40
4.2 RESULTADOS DOS EDUCANDOS	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	53
OBRAS CONSULTADAS	57
APÊNDICES	58

1 INTRODUÇÃO

A educação enquanto particularidade humana e bem da humanidade, precisa ser entendida em suas especificidades. Sabemos que a educação não ocorre apenas no interior das escolas, esta, representa apenas o local onde ela é sistematizada. Somos educados no seio das famílias, nas atividades sociais que realizamos e que nos propiciam incontáveis conhecimentos pertencentes ao senso comum.

Com o surgimento das teorias do ensino e aprendizagem e o advento das novas tecnologias, fez com que a educação necessitasse cada vez mais de adequação, tornando-se intencional, ou seja, o processo educativo não é neutro, é carregado de implicações de uma realidade sócio-histórica-cultural.

A educação de jovens e adultos ¹em nosso país sempre foi tratada pelas autoridades governamentais sob a perspectiva das campanhas para a erradicação do analfabetismo e do voluntarismo, colocada paralelamente ao Sistema Nacional Brasileiro de Ensino, o que não garante a qualidade do ensino e da aprendizagem.

Embora seja um direito de todos, entende-se que muitas pessoas não tiveram acesso à educação na idade adequada. Pelos mais diversos motivos e a necessidade de conhecimento oriundos do surgimento das tecnologias tem feito com que muitas pessoas acabem retornando a escola no intuito de buscar uma formação e se adequar ao mercado de trabalho.

Estes, são os alunos atendidos nas turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos), pessoas que depois de muitos anos fora da escola, por necessidade precisam aprender o que perderam e se adequar as tecnologias.

O uso das tecnologias disponíveis nas escolas atualmente é um recurso a mais na motivação dos alunos que frequentam as turmas de educação de Jovens e Adultos. O professor é capaz de dinamizar as aulas usando variados recursos

¹ Por Jovens e Adultos designamos, primariamente, toda a população com mais de 14 anos de idade, já na plenitude dos direitos e responsabilidades, que não alcançou o grau de escolaridade mínimo estabelecido constitucionalmente (ou seja, o ensino fundamental completo, e, ou o ensino médio. Situação em que se encontra mais da metade da população brasileira). (HAHN, p. 170)

tecnológicos, e o aluno pode também ter acesso ao mundo tecnológico por meio de recursos que a escola oferece.

Assim como os alunos procuram se adaptar as tecnologias sendo muitas vezes relutantes a elas, os professores também precisam adaptar seus métodos e técnicas de ensino ao seu uso, demandando assim, também um grande aprendizado e constante avaliação da sua prática pedagógica.

De acordo com Souza (2010)

Os recursos tecnológicos devem servir como extensões do professor. Ideias abstratas tornam-se passíveis de visualização; o microscópico torna-se grande; o passado torna-se presente, facilitando o aprendizado e transformando o conteúdo em objeto de curiosidade e interesse. O essencial é que as aulas obedeçam a uma cadeia de ideias que deixe o aluno orientado em relação ao que está aprendendo. Cada aula não é uma aula, e sim uma aula que veio antes de uma aula e depois de outra. O aprendizado deve ser interligado.

O uso dos recursos tecnológicos na educação auxilia o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que os recursos audiovisuais estão acessíveis ao professor, tem-se acesso à internet, diversas fontes de pesquisa, etc.

Uma das contribuições desta pesquisa foi analisar o uso dos diversos recursos tecnológicos na Educação de Jovens e Adultos e como eles podem contribuir para a diversificação da prática docente e facilitar a aprendizagem dos educandos.

O objetivo geral do presente trabalho foi pesquisar quais são as contribuições do uso de recursos tecnológicos na Educação de Jovens e Adultos Fase I nas escolas que ofertam esta modalidade de ensino no município de São Miguel do Iguaçu.

Quando se fala em EJA, deve-se primeiro conhecer as condições de sua existência perante a sociedade que os tornam analfabetos, sua condição de vida e o ambiente que se encontram, pois na verdade eles já atuam como educados, apenas não na forma escolarizada.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 UM BREVE CONCEITO DE EDUCAÇÃO

Muito se tem discutido sobre educação e suas transformações nos dias atuais. Inúmeros pesquisadores afirmam a importância dela na constituição do sujeito crítico e transformador da realidade; acredita-se que ela seja um caminho para a construção de uma sociedade mais igualitária e para alguns, a educação formal, oferecida pelas instituições de ensino é o caminho para o ingresso no mercado de trabalho de forma qualificada.

Segundo Hahn (2009, p. 169)

Educação é, portanto, o processo que visa capacitar o indivíduo a agir conscientemente diante das situações novas da vida, com aproveitamento de experiências anteriores, tendo em vista a integração, a solidariedade, a comunidade, a continuidade e o progresso social, segundo a realidade de cada um, para serem atendidas as necessidades individuais e coletivas.

Cada pessoa constrói o seu caráter e a sua personalidade no dia-a-dia de acordo com suas vivências e experiências. Quando essa pessoa entra na escola ela traz consigo toda essa bagagem e é isso que faz com que cada pessoa seja diferente uma da outra e é na escola que essa individualidade deve ser respeitada.

Entretanto, apesar de todos estes olhares voltados para a educação a fim de garantir que ela atenda a todos com qualidade e igualdade de direitos, ainda nos deparamos com uma escola excludente, onde o acesso à educação é garantido, mas não a permanência. Muitos dos alunos que ingressam nas séries iniciais do ensino fundamental não chegam a concluí-lo. Estes alunos engrossam as estatísticas da evasão escolar e são eles que futuramente ingressarão nas turmas de EJA para tentar recuperar o conhecimento formal não apropriado na idade designada.

Conforme Luckesi (1994, p. 86) “conhecimento significa uma forma de entender a realidade como ela é e no seu funcionamento, a partir dos múltiplos elementos que a explicam. O conhecimento é, portanto, um instrumento de vivência e de sobrevivência.”

Desde os tempos mais remotos existe a educação e isso predomina nos dias de hoje. Os conhecimentos são passados de pais para filhos e perpetuam de geração para geração. Desta forma, a educação não se faz do mesmo jeito em todas as épocas e nem tem sempre os mesmos objetivos, pois a realidade histórica está em constante transformação e a educação modela na escola os interesses de cada momento histórico.

De acordo com Kruppa (1994, p. 21) “A sociedade é toda ela uma situação educativa, dado que a vivência entre os homens é condição da educação. A ação desenvolvida entre os homens os educa e, ao interagirem, educando-se entre si, os homens formam a sociedade.”

Ou seja, assim como a educação atende aos interesses sociais, ela também educa o indivíduo para que ele possa adaptar-se e viver nesta sociedade, visto que o conhecimento e as aprendizagens não acontecem apenas no ambiente formal da escola, mas muito além dele.

Segundo Freire (1985, p.80) “a educação não pode ser neutra. Os educadores devem se perguntar para quem e em benefício de quem estão trabalhando.”

2.2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Assim como o ensino nas diferentes séries/anos do ensino fundamental possuem suas particularidades e o professor precisa ser um incansável pesquisador e criador de novas técnicas e métodos de ensino, o trabalho com a EJA assume as mesmas dimensões. Podemos pensar, no entanto, que educar adultos é ainda mais difícil pois precisamos tornar a escola ainda mais atrativa e com métodos e técnicas ainda mais motivadores para despertar o interesse dos alunos.

Desse modo, Freire (1997, p.43) acredita que “...na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática...”.

Conforme o Artigo 3º da Declaração de Hamburgo (1997) sobre Educação de Adultos entende-se por Educação de Adultos:

O conjunto de processo de aprendizagem, formais ou não formais, graças aos quais as pessoas cujo entorno social considera que os adultos desenvolvam suas capacidades, enriqueçam seus conhecimentos e melhoram suas competências técnicas ou profissionais ou as reorientam a fim de atender suas próprias necessidades e as da sociedade. A educação de adultos compreende a educação formal e permanente, a educação não formal a toda a gama de oportunidades de educação informal e ocasional existente em uma sociedade educativa e multicultural, na qual se reconhecem os enfoques teóricos e baseados na prática.

Quando falamos na Educação de Jovens e Adultos temos a ideia de que ela parece uma política recente em nosso país. Na verdade, temos uma falsa visão sobre o assunto.

Fazendo-se uma análise da história da colonização do Brasil, é possível perceber que ela já estava presente na época em que os portugueses aqui aportaram com o intuito de explorar as riquezas materiais deste imenso país.

Os colonizadores que aqui chegaram, depararam-se com uma terra de imensas riquezas e com uma população de hábitos culturais (e aqui podemos incluir sua organização social, educacional e política) totalmente diferentes daqueles padrões tidos na Europa. Porém os colonizadores tinham a certeza de que para explorar as riquezas, era necessária mão-de-obra, e para tê-la, era preciso introduzir a cultura europeia ao povo indígena que aqui habitava. Então entram em cena os padres jesuítas, que educavam em caráter estritamente religioso os povos indígenas para torná-los mansos e ao mesmo tempo davam uma formação humanística aos portugueses que aqui ficavam a fim de colonizar as terras.

No entanto, com a expulsão dos jesuítas, a educação das classes menos favorecidas desorganiza-se e é abandonada. Apenas a elite continua tendo acesso a educação.

As reformas políticas pelas quais o país passou, dentre elas a Proclamação da República proporcionou um novo olhar por parte dos políticos sobre a educação das grandes massas populares. A democracia implicava no voto da população e para tanto, era necessário que soubessem ler para poder identificar em quem votar. Assim, as políticas educacionais voltadas para adultos não tinham outra intenção senão preparar estas pessoas para votarem.

A partir da década de 30, a educação de Jovens e Adultos começou a surgir no campo educacional. Neste período a sociedade brasileira passava por grandes transformações começando a consolidar um sistema público de educação elementar

no país. Ela foi ganhando relevância com campanhas de alfabetização das décadas de 40 e 50, com os movimentos de cultura popular dos anos 60, com o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) e o ensino supletivo dos governos militares e a Fundação Educar da Nova República.

Conforme Ribeiro (1997, p. 19),

a oferta de Ensino Básico gratuito estendia-se consideravelmente fazendo com que o Governo Federal impulsionasse a ampliação da educação elementar, traçando diretrizes educacionais para todo o país, determinando as responsabilidades dos estados e municípios, especialmente nos anos 40, quando esse movimento incluiu esforços articulados nacionalmente de extensão do ensino elementar aos adultos.

Lançada em 1947 a Campanha de Educação de Adultos, numa primeira etapa, pretendia-se, uma ação extensiva que previa a alfabetização, mais a condensação do curso primário seguindo para uma etapa voltada à capacitação profissional e ao desenvolvimento comunitário. Antes do final da década de 50 a campanha se extinguiu, as ações comunitárias em zonas rurais não tiveram o mesmo sucesso, ainda assim, assumida pelos estados e municípios a rede de ensino supletivo por meio dela implantada sobreviveu.

Essa campanha deu lugar para a discussão sobre o analfabetismo e a educação de adultos no Brasil, legitimando a visão do adulto analfabeto como incapaz e marginal, identificado psicologicamente e socialmente com a criança. De acordo com Souza, Meneghello e Passos (2009, p. 3) “Por ocasião da campanha de 47, o Ministério da Educação produziu o primeiro material didático voltado à educação de adultos, uma cartilha chamada Primeiro Guia de Leitura”.

Desde 1949, quando ocorreu a 1ª Conferência de Educação de Adultos, promovida pela UNESCO em Elsinore (Dinamarca), até a 5ª Conferência em 1997, em Hamburgo (Alemanha), tem havido um crescente reconhecimento por parte da sociedade mundial e dos organismos internacionais da importância da educação de pessoas adultas no fortalecimento da cidadania, na formação cultural da população, na melhoria do bem estar da sociedade. (HADDAD, 1998, p. 113)

Apesar desse reconhecimento em 1990 a UNESCO denunciou que havia no mundo cerca de um bilhão de pessoas que não tinham o domínio da leitura e da escrita, esse grupo, na sua maioria estava nos países do sul. Na América Latina, o Brasil é o país com o maior número de analfabetos de dez anos de idade. Isto sem contar que quase 50% da população com mais de catorze anos não concluiu as

quatro primeiras séries do ensino regular e, portanto, podem ser considerados como analfabetos funcionais².(HADDAD, 1998, p.113)

Este regime excludente, escondido atrás da garantia de escola para todos, é que acarreta no fato daqueles que mais necessitam de educação serem os que menos se beneficiam dela. Este fato acontece, de modo geral, pois quanto mais baixo é o nível de instrução e sua condição profissional modesta, menos esta pessoa é motivada para prosseguir sua educação se já atingiu a idade adulta.

2.3 ALFABETIZAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

As críticas a Campanha de Educação de Adultos no final da década de 50 eram dirigidas tanto às deficiências administrativas e financeiras quanto à orientação pedagógica. Essas críticas dirigem-se para uma visão sobre o problema do analfabetismo, denuncia-se o caráter superficial do aprendizado que se efetiva no curto período da alfabetização. (RIBEIRO, 1997, p.22)

A educação dos adultos era criticada com relação a aprendizagem, que era realizada em ritmo acelerado e fragmentada, onde o aluno tinha apenas a visão parcial dos fatos.

As maiores transformações na educação de jovens e adultos acontecem por meio do educador Paulo Freire que na década de 60 propõe uma reformulação na maneira de alfabetizar adultos. Ele procurou valorizar a ética do educador e os conhecimentos prévios dos educandos, deixando de trabalhar com cartilhas prontas e partindo da bagagem cultural do educando.

Segundo Souza, Meneghello e Passos (2009, p. 4)

a visão do educador Paulo Freire contribuiu para a ampliação da educação popular, e o analfabetismo passou a ser visto não como uma causa, mas como uma consequência da pobreza e das desigualdades do país. Nesse contexto, a alfabetização se voltou para a conscientização dos cidadãos como sujeitos capazes de agir em função da transformação de suas realidades.

² **Analfabeto funcional** é a denominação dada à pessoa que, mesmo com a capacidade de decodificar minimamente as letras, geralmente frases, sentenças, textos curtos e os números, não desenvolve a habilidade de interpretação de textos e de fazer as operações matemáticas

Diversos grupos de educadores foram se articulando e passaram a pressionar o governo federal para que os apoiasse e estabelecesse uma coordenação nacional das iniciativas, sendo aprovado o Plano Nacional de Alfabetização em janeiro de 1964, que previa difundir por todo o Brasil a proposta de Paulo Freire nos programas de alfabetização.

Sendo assim foi graças a Paulo Freire e a sua pedagogia que os programas de alfabetização para adultos tiveram sucesso. Esse programa era baseado nos direitos humanos com a contribuição de cada cidadão sendo ele homem ou mulher. Antes apontado como causa da pobreza e da marginalização, o analfabetismo passou a ser interpretado como efeito da situação de pobreza gerado pela estrutura social. Era preciso, portanto, que o processo educativo interferisse na estrutura social que produzia o analfabetismo. Paulo Freire elaborou uma proposta de alfabetização de adultos conscientizadora cujo princípio básico era: "A leitura do mundo procede à leitura da palavra". (RIBEIRO, 1997, p.24)

O analfabetismo era responsável pela situação de pobreza do indivíduo e cabia a escola fazer alguma coisa para evitar essa situação, por que o espelho do mundo era o que acontecia com as pessoas que nele viviam. Quanto mais pobres, mais se refletia o quadro de miséria e não era esse o objetivo.

O objetivo era antes mesmo de iniciar o aprendizado da escrita, levar o educando a assumir-se como sujeito de sua aprendizagem, ultrapassando uma compreensão mágica da realidade, desfazendo a cultura letrada, na qual o educando estaria se iniciando. Orientado por esses princípios foram produzidos diversos materiais de alfabetização procurando o universo essencial dos alfabetizandos, o que caracterizava esses materiais não era a referência com a realidade dos adultos, mas a intenção de problematizar essa realidade.

O aluno primeiramente deveria assumir seu papel de cidadão na sociedade antes de aprender a ler e a escrever. Era preciso que cada um conhecesse a sua realidade individual.

Dentro de um novo conceito de educação de jovens e adultos o objetivo principal deve ser a criação de uma sociedade instruída e comprometida com a justiça social e o bem estar geral. A alfabetização é um direito humano fundamental, ela também tem o papel de promover a participação em atividades sociais, políticas, culturais, além de ser requisito básico para a educação continuada durante a vida. O

desafio é oferecer aos jovens e adultos esse direito a educação, por meio da conscientização e do fortalecimento do indivíduo. (V CONFINTEA, 1997, p.2).

A educação cria um cidadão capaz de transmitir conhecimentos e aprender no dia-a-dia com as dificuldades não esquecendo nunca de preocupar-se com o conforto de todos e lembrando sempre do direito de cada um, tratando todos de forma igual.

Conforme Hahn (2009, p. 170)

É na medida em que o jovem ou o adulto vai desvelando esse seu mundo de opressão, que se compromete com a caminhada transformadora, deixando de fazer parte do grupo dos oprimidos para tornar-se agente de si próprio, homem em permanente processo de libertação.

2.4 MOBRAL E A EDUCAÇÃO POPULAR

Depois do golpe militar de 1964, grupos que atuavam na alfabetização de adultos foram reprimidos, o governo passou a controlar as iniciativas com o lançamento do MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que se constituiu como organização autônoma em relação ao Ministério da Educação. Em 1969, foram instaladas Comissões Municipais, que se responsabilizavam pela execução das atividades, mas a orientação e supervisão pedagógica eram centralizadas para garantir que os interesses governamentais fossem mantidos. (RIBEIRO, 1997, p.26)

O MOBRAL procurou adaptar alguns dos procedimentos criados pela educação popular de Paulo Freire buscando integrá-la a uma realidade mais moderna conforme os ideais do governo, a fim de que os adultos continuassem a repetir o ideal de sociedade da época.

Estados e municípios ganharam autonomia com relação ao MOBRAL, educadores se esforçavam para reorientar seus programas de educação básica de adultos em projetos de alfabetização que se desdobravam em turmas de pós-alfabetização. Em 1985, desacreditado no meio político e educacional o MOBRAL foi extinto sendo ocupado pela Fundação Educar, que passou a apoiar as iniciativas de governos, entidades civis e empresas a ela conveniadas.

De acordo com Barros (2011, p. 28) “Depois, durante o período de redemocratização, criaram-se cursos supletivos. Na era Fernando Henrique

Cardoso, foi a vez do programa Alfabetização Solidária. E, na era Luiz Inácio Lula da Silva, entrou em cena o Brasil Alfabetizado. “

Apesar de muitos esforços estarem sendo realizados para que o analfabetismo acabe em nosso país, ainda há, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), censo de 2000 cerca de 14,6 milhões de pessoas analfabetas conforme relacionado na tabela 1.

Tabela 1 – Taxa de Analfabetismo no Brasil

Taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais - Brasil	
1970	33,60%
1980	25,50%
1991	20,10%
2000	13,60%

Fonte: Síntese de Indicadores Sociais, 2000.

Há também uma grande divergência, pois sabemos que ainda há um grande número de analfabetos em nosso país e, no entanto, o número de matrículas na EJA está diminuindo. Vários fatores podem ser apontados como causas para esta diminuição, que vão desde a falta de estrutura das escolas até a falta de investimentos nesta modalidade de ensino.

Sabemos que, por se tratar de uma clientela adulta e com experiências de vida variadas, um dos grandes desafios para a Educação de Jovens e Adultos é adequar a sua proposta curricular a fim de ensinar ao adulto os conteúdos com suas funcionalidades na sociedade, diferentemente das propostas de ensino destinadas as crianças.

A figura 1, apresentada a seguir, procura mostrar resumidamente como se encontra a situação da Educação de Jovens e Adultos no Brasil nos dias atuais:



Figura 1 – Situação da EJA no Brasil

Fonte: Revista Escola Pública, Número 20, Abril/Maio de 2011, p. 25.

Determinar claramente a identidade de um curso de EJA não é tarefa fácil. É um trabalho que pressupõe um olhar diferenciado para seu público, muitas vezes constituído por pessoas trabalhadoras, já fragilizadas por sua condição sócio-econômica-cultural, que necessitam ter acolhido de fato seus conhecimentos, interesses e necessidades de aprendizagem. Pressupõe-se, também, a formulação de propostas curriculares flexíveis e adaptáveis às diferentes realidades, contemplando temas que sejam de prévio conhecimento dos educandos e que evidenciem a cultura e sua diversidade, relações sociais, necessidades dos alunos e da comunidade, meio ambiente, cidadania, trabalho e exercício da autonomia.

Outro aspecto importante a ser analisado também é a desigualdade do índice de escolarização dos jovens e adultos nas cinco regiões do país. De acordo com o IBGE (2000), houve redução no número de analfabetos em nosso país, mas em percentuais desiguais nas regiões brasileiras de acordo com o gráfico 1.

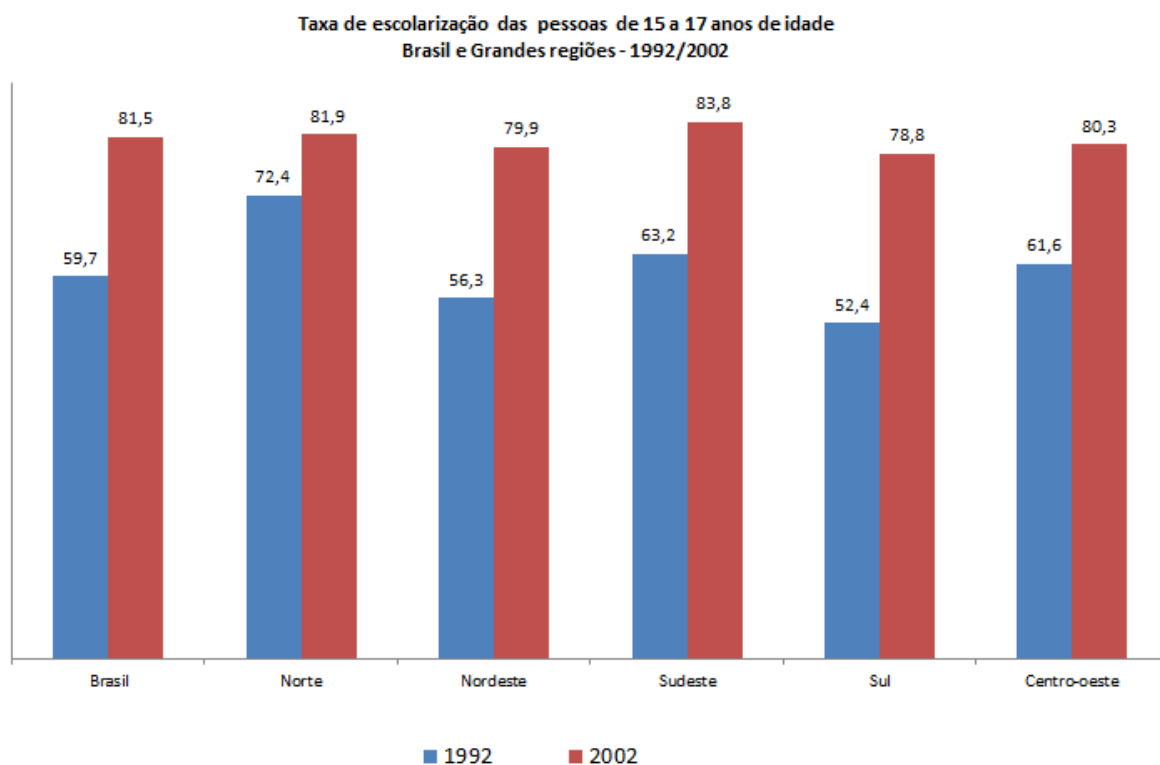


Gráfico 1 – Taxa de Escolarização das Pessoas entre 15 a 17 anos de Idade por Regiões Brasileiras.
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1992/2002.

Uma das maiores dificuldades e que contribui para estes altos índices de analfabetismo ou exclusão educacional é que os alunos da EJA são pessoas que trazem a marca da exclusão social. São, ainda, excluídos do sistema de ensino, e apresentam em geral um tempo maior de escolaridade devido a repetências acumuladas e interrupções na vida escolar. Muitos nunca foram à escola ou dela tiveram que se afastar, quando crianças, em função da entrada precoce no mercado de trabalho, ou mesmo por falta de escolas. Jovens e adultos que quando retornam à escola o fazem guiados pelo desejo de melhorar de vida ou por exigências ligadas ao mundo do trabalho. Em geral, são trabalhadores que participam concretamente da garantia de sobrevivência do grupo familiar ao qual pertencem e necessitam de melhor qualificação para poderem ter melhores rendimentos.

2.5 A FORMAÇÃO DO EDUCADOR DE JOVENS E ADULTOS

Impulsionada pela necessidade de melhorar o nível de escolaridade da população devido ao crescimento de matrículas de jovens e adultos nos últimos anos, tornou-se urgente formar professores especializados.

Os alunos da EJA apresentam condições socioeconômicas, culturais, idades e ritmos de aprendizagem muito variados e que requerem do professor muita paciência e habilidade para reorganizar suas prática pedagógica. Os adultos exigem do professor, além de saberes disciplinares, práticas educativas que aproveitem a sua bagagem cultural e a experiência acumulada. O ideal é que o curso responda às suas necessidades, estabelecendo uma relação entre os conteúdos trabalhados e o uso que farão deles posteriormente.

É de fundamental importância que o curso complemente o aluno e atenda a realidade que o cerca, servindo de base para experiências futuras.

É necessário que esse educador procure conhecer seus educandos, suas expectativas, sua cultura, suas necessidades de aprendizagem, atualizando-se constantemente, buscando conhecer cada vez melhor os conteúdos a serem ensinados desta forma essas necessidades serão resolvidas mais facilmente.

O professor deve realmente gostar de trabalhar com essa clientela, ter carisma para conquistar seus alunos e paciência perante as dificuldades que irá encontrar. E acima de tudo acreditar que todos estão dispostos a aprender tudo o que será ensinado, isso ficará mais fácil se o professor conhecer a realidade de cada aluno.

Segundo Santos e Marques (2009, p. 24) “Uma educação identificada com a comunidade é uma preocupação constante de todos os educadores que pretendem tornar as práticas sociais mais realistas e conjugadas socialmente.”

Sabe-se que esta modalidade de ensino atende a uma clientela de grupos sociais menos favorecidos e que muitas vezes a escola é o único espaço que possibilita acesso a informação e ao conhecimento sistematizado e historicamente produzido. Por isso é importante que o professor que trabalhe com estas turmas possibilite o acesso aos alunos de materiais como livros, revistas, cartazes, textos, filmes, documentários, imagens que podem ser importantes instrumentos de desenvolvimento intelectual.

Outro aspecto importante do educador da EJA é que ele precisa estimular constantemente a autoestima e autonomia dos alunos, visto que este é um dos fatores que mais contribuem para a desistência dos alunos. É importante que o próprio aluno seja capaz de avaliar sua aprendizagem percebendo seus avanços e fracassos no processo de aprendizagem sendo assim capaz de buscar novas maneiras de aprender e colaborar com o aprendizado dos demais colegas.

De acordo com as Diretrizes Estaduais Para a Educação de Jovens e Adultos (2006, P. 29)

No transcorrer do processo educativo, a autonomia intelectual do educando deve ser estimulada para que ele continue seus estudos, independentemente da educação formal. Cabe ao educador incentivar a busca constante pelo conhecimento produzido pela humanidade, presente em outras fontes de estudo ou pesquisa.

2.6 A LDBEN E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O percentual de pessoas acumulado ao longo dos anos e do processo educativo que não concluíram o ensino fundamental dá origem a necessidade de ofertar educação para jovens e adultos.

Segundo Carneiro (1998, p. 115)

Esta população de necessidade de atendimento educacional tardio se distribui em três grupos bem distintos: primeiro, aqueles reconhecidamente analfabetos; segundo, aqueles que foram à escola, passaram ali pouco tempo e, portanto, não tiveram tempo de sedimentar o que haviam superficialmente aprendido. São os analfabeto funcionais; terceiro, aqueles que estiveram na escola em momentos intermitentes.

É uma questão tão polêmica e presente na sociedade que a lei não estabelece apenas a necessidade da oferta, mas também a importância de uma abordagem pedagógica, metodológica, avaliativa e de conteúdos diferentes daqueles que são ofertados aos alunos que se encontram frequentando a escola em idade própria conforme descrito na LDBEN 9.394/96:

Artigo 1º “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Continuando a leitura da lei, vemos que em seu artigo terceiro, a valorização dos conhecimentos extracurriculares precisam ser lavados em consideração para a atuação do docente na educação de jovens e adultos.

Artigo 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

X - valorização da experiência extraescolar;

XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais;

A LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96) trata da Educação de Jovens e Adultos enquanto modalidade de ensino determinando para quem ela deve ser oferta e em que condições.

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria.

§ 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do aluno, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º. Os exames a que se refere este artigo realizar -se-ão:

I - no nível de conclusão do Ensino Fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do Ensino Médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º. Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

2.7 TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

2.7.1 Considerações sobre a Tecnologia - Ação e Produção Humana

Estamos tão habituados ao uso diário da tecnologia que muitas vezes não paramos para defini-la, apenas não conseguimos viver sem ela. Todos os recursos e instrumentos que utilizamos durante nosso dia desde um simples garfo ao nosso

computador, são de uma forma ou outra tecnologia e na maioria das vezes não nos damos conta disso.

De acordo com o Dicionário Aurélio (2008, p.768), tecnologia é definida como “s. f.:1. Ciência cujo objeto é historiar e descrever algum processo industrial ou de ciência prática. 2. Conjunto dos termos próprios a uma arte ou a uma ciência. 3. Tratado das artes em geral. Tecnologia de ponta: alta tecnologia.”

A história da tecnologia é tão antiga quanto a história da espécie humana. Ela é fruto da produção intelectual humana. Desde os tempos mais remotos da história da humanidade, o homem já utilizava-se das suas capacidades mentais para desenvolver ferramentas e utensílios que pudessem facilitar a sua sobrevivência. E esta capacidade, a de transformar a natureza em seu benefício através das suas capacidades mentais é que diferencia o ser humano dos demais animais.

Foram séculos de evolução e desenvolvimento. As diferentes tecnologias desenvolvidas em cada época marcaram a história das sociedades ao longo do processo histórico, marcando a cultura e a forma dos homens compreenderem a sua própria história. Este desenvolvimento da espécie humana não se restringiu apenas ao desenvolvimento de novos utensílios e ferramentas para a sobrevivência da espécie. Estes fatos provocaram lenta e gradativamente transformações na natureza e no comportamento dos seres humanos.

De acordo com Kenski (2007, p. 21)

A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social. A economia, a política e a divisão social do trabalho refletem os usos que os homens fazem das tecnologias que estão na base do sistema produtivo em diferentes épocas. O homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhes são contemporâneas. Elas transformam sua maneira de pensar, sentir e agir.

As primeiras descobertas dos homens foram se aprimorando e se tornando tecnologias cada vez mais sofisticadas, de tal modo que os homens conseguem exercer relações de poder por meio delas. Segundo Marx, “a tecnologia revela o modo de proceder do homem com a natureza, o processo imediato de produção de sua vida material e assim elucida as condições de sua vida social e as concepções mentais que dela decorrem” (MARX, *apud* RUY GAMA, 1987, p. 208).

E como sabemos que a escola é um espaço de reprodução do modelo social vigente, conseqüentemente o uso das tecnologias reflete no ambiente escolar,

podendo amenizar as desigualdades sócias ou mesmo ampliá-las, dependendo das estratégias utilizadas pelos educadores.

2.7.2 Considerações Sobre o Uso da Tecnologia na Educação

Quando paramos para analisar as atividades desenvolvidas dentro do espaço da sala de aula, vemos que elas se baseiam primordialmente na linguagem, seja ela oral ou escrita. O professor explica o conteúdo dialogando com os alunos, estes tiram suas dúvidas questionando o professor e depois de todo este processo acontecem os registros. Podemos perceber que não haveria educação sem o uso da linguagem. E como ela é uma particularidade humana, nascida da convivência entre indivíduos de um mesmo grupo e das capacidades humanas, podemos dizer que ela também é um recurso tecnológico. A cada nova descoberta, a cada nova invenção, a linguagem se fazia presente (e ainda se faz) como meio para transmitir a informação e garantir que todo o grupo tivesse acesso ao modo de se utilizar das descobertas. Segundo Leontiev (1978, p. 30) “a linguagem não desempenha apenas o papel de meio de comunicação entre os homens, ela é também, um meio, uma forma da consciência e do pensamento humano. Torna-se a forma e o suporte de generalização consciente da realidade.”

Outro marco significativo para a humanidade foi a criação da escrita. Se antes a comunicação oral, a memorização e a repetição eram formas para a aquisição do conhecimento, com surgimento da escrita não bastava apenas falar, há a necessidade de compreensão, entendimento daquilo que está sendo comunicado por meio dos registros.

E não podemos esquecer que neste processo, muitas vezes corremos o risco das informações serem apreendidas/entendidas pelo leitor de acordo com as suas vivências e experiências e que tudo aquilo que é escrito não é totalmente neutro, carrega as expressões e opiniões de quem produziu. Mas de fato o que podemos perceber é que a aquisição do sistema de escrita garantiu a divulgação dos conhecimentos historicamente produzidos pelo homem a grupos cada vez mais distantes, uma vez que passa a atuar como um suporte para a memória humana, possibilitando o registro das descobertas e pensamentos.

Para Luria (1988, p. 51) “aprender a língua escrita, é mais do que apreender um instrumento de comunicação: é, sobretudo, construir estruturas de pensamento capaz de abstrações mais elaboradas.”

E não podemos esquecer que nos dias atuais temos uma nova forma de linguagem, a linguagem digital, que podemos relacionar com as tecnologias eletrônicas de informação e comunicação, possibilitando que um número cada vez maior de pessoas tenha acesso a todo tipo de informação num espaço de tempo cada vez menor.

Embora tenhamos conhecimento e consciência de todas estas transformações e inovações tecnológicas desenvolvidas pelos homens, ainda existem pessoas que são excluídas do contato com as novas descobertas tecnológicas. Segundo Pais (2010, p. 92) “Enquanto o acesso a uma tecnologia não é estendido a uma parte mais expressiva da sociedade, permanece o estigma de ser um benefício das classes privilegiadas. Nesses termos, sempre haverá uma parcela de excluídos...”

Apesar de sabermos da necessidade e importância do uso da tecnologia no espaço educacional, sua efetivação ainda é algo muito distante do real nas escolas brasileiras. Vários fatores embasam esta afirmação, tais como a falta de infraestrutura das escolas, professores não preparados e que não domina os recursos tecnológicos existentes.

2.7.3 Uso das Tecnologias como Recursos Pedagógicos na EJA Fase I

O desafio da educação de adultos, concebida também como educação popular, é o pensar globalmente e atuar localmente, junto às dificuldades estruturais, financeiras e as exigências do mercado de trabalho. O analfabetismo formal aliou-se ao digital, que também provoca exclusão, pobreza e injustiça social.

A EJA exige cuidados e dedicação especiais, devido ao público oriundo de camadas diversificadas da sociedade e serem detentores de grande conhecimento de vida, necessita de profissionais qualificados, atentos às mudanças globais e preparados para lidar com situações que exigem muita dedicação profissional.

Segundo as Diretrizes Estaduais para a Educação de Jovens e Adultos (2006, p. 40)

A atuação do educador da EJA é fundamental para que os educandos percebam que o conhecimento tem a ver com o seu contexto de vida, que é repleto de significação. Os docentes se comprometem, assim, com uma metodologia de ensino que favorece uma relação dialética entre sujeito-realidade-sujeito. Se esta relação dialética com o conhecimento for de fato significativa, então as metodologias escolhidas foram adequadas. Desse modo, é possível perceber que as metodologias de ensino, relativas à atividade.

De acordo com Pais (2010, p. 45) “O fenômeno da aprendizagem é formado por um conjunto de condições existentes tanto na sala de aula, no plano cognitivo do aluno como nas situações propostas pelo professor.” Ou seja, a motivação do aluno em aprender, as condições externas a sala de aula, como é entendida a relação entre professor e aluno e as maneiras que o educador se utiliza para tratar do conhecimento em sala de aula podem determinar a apropriação do conhecimento com maior ou menor sucesso pelo educando.

Nas turmas da EJA esta relação é facilmente percebida pois os educandos precisam de motivação constante e uso de recursos que se adaptem a sua realidade e potencialidade para que desenvolvam as atividades propostas, visto que o interesse destes educandos esta em trabalhar com situações do cotidiano possibilitando o seu entendimento e conseqüentemente, a transformação da realidade vivenciada.

Conforme Tajra (2000, p. 8)

é preciso visualizar esta situação social que estamos vivendo. A educação necessita estar atenta às suas propostas e não se marginalizar, tornando-se obsoleta e sem flexibilidade. Algumas dessas mudanças podem ser realizadas pelo professor que, tendo uma visão de futuro e possuindo mente aberta para refletir criticamente sobre sua prática no processo de ensino-aprendizagem, torna-se um agente ativo no sistema educacional.

Ou seja, assim como os demais conhecimentos, a tecnologia também precisa ser ensinada e neste sentido a escola novamente se coloca no ambiente propício para que isto aconteça, pois não basta apenas ter acesso aos novos conhecimentos, ferramentas e oportunidades que a tecnologia fornece, mas é necessário aprender como utilizá-los, como por em prática todas as possibilidades que eles oferecem.

E estas novas aprendizagens promovem novas formas de nos relacionarmos com o mundo, com os valores e comportamentos. Quando as novas informações e

recursos se tornam parte integrante de nosso cotidiano, pois passamos a nos apropriar deles, nem sequer pensamos neles como tecnologias porque passaram a fazer parte do nosso ambiente, ou seja, seu uso se tornou natural.

Conhecendo a realidade da maioria das escolas da nossa região, é possível perceber que elas possuem inúmeros equipamentos tecnológicos que podem auxiliar o professor no processo de ensino aprendizagem dinamizando as aulas e oportunizando situações diferentes de interação com os conteúdos trabalhados.

De acordo com Kenski (2007, p. 44)

A maioria das tecnologias é utilizada como auxiliar no processo educativo. Não são nem o objeto, nem a sua substancia, nem a sua finalidade. Elas estão presentes em todos os momentos do processo pedagógico, desde o planejamento das disciplinas, a elaboração da proposta curricular até a certificação dos alunos que concluíram um curso.

Ou seja, o professor não pode também basear-se exclusivamente no uso de recursos tecnológicos e pensar que trabalhou seu conteúdo. Os recursos tecnológicos vêm para complementar o processo, mas a ação de intervenção, contato e interação com o aluno devem continuar a fim de que realmente aconteça a aprendizagem.

No entanto, nem sempre isso acontece. É comum vermos ainda muitos professores que trabalham em escolas muito bem equipadas continuarem a ministrar suas aulas na mesma estrutura de anos atrás, quando o único recurso que a escola possuía era o livro didático e o quadro de giz. Há certa relutância por parte de muitos professores em assumir a tecnologia e a colocar como parte integrante do processo de aprendizagem.

2.7.4 Dificuldades do Uso das Tecnologias no Espaço Escolar

Trabalhar em sala de aula com os recursos tecnológicos que temos disponíveis na atualidade não requer apenas aceitação dos educandos, requer também aceitação e formação por parte do professor. Não basta apenas levar a televisão para a sala de aula, por exemplo, e passar um filme sobre determinado conteúdo se o professor não tiver conhecimento e estratégias para a utilização das informações transmitidas depois do filme.

Para Kenski (2007, p. 45)

As novas tecnologias de comunicação, sobretudo a televisão e o computador, movimentaram a educação e provocaram novas mediações entre a abordagem do professor, a compreensão do aluno e o conteúdo veiculado. A imagem, o som e o movimento oferecem informações mais realistas em relação ao que está sendo ensinado. Encaradas como recursos didáticos, elas ainda estão muito longe de serem usadas em todas as suas possibilidades para uma melhor educação.

Ou seja, ainda pensamos os recursos tecnológicos apenas como uma forma de em determinado momento da aula “chamar” a atenção do aluno para um determinado conceito ou particularidade do conteúdo ou para fixar um conteúdo (caso das aulas de informática onde utilizamos jogos para que o aluno fixe o conteúdo)

O uso das tecnologias na educação está muito além disso. Os professores precisam antes de tudo, aprender. Aprender e rever seus métodos de ensino, suas estratégias e avaliações. A educação necessita cada vez mais de pessoas que modifiquem as estruturas arcaicas nas quais todo o processo de ensino e aprendizagem se baseiam, ou seja, o professor é detentor do conhecimento e o educando é aquele que está ali, no entorno do processo, vazio de conhecimento, pronto para ser preenchido com aquilo que o professor detém.

Enfrentamos grandes problemas para trabalhar com as tecnologias pois enquanto professores toda a nossa formação nos ensinou a reproduzir muito mais do que a produzir ou a repassar muito mais do que pesquisar. Sendo assim, nos acostumamos a receber e a trabalhar com materiais prontos, e as tecnologias nos direcionam para outro caminho, aquele da pesquisa e da produção de materiais e conhecimentos a partir daquilo que temos como base.

Kenski (2007, p. 57) aponta dois grandes problemas enfrentados pelos educadores para o uso das tecnologias na sala de aula, são eles :

a falta de conhecimento dos professores para o melhor uso pedagógico da tecnologia, seja ela nova ou velha. Na verdade os professores não são formados para o uso das tecnologias...um segundo problema é a não adequação da tecnologia ao conteúdo que vai ser ensinado e aos propósitos do ensino, cada tecnologia tem sua especificidade precisa ser compreendida como um componente adequado ao processo educativo.

Mais uma vez fica reforçado a necessidade do professor também estar em constante processo de aprendizado e de análise da sua práxis pedagógica afim de

que possa continuamente adequar suas estratégias aos reais anseios dos educandos. Diante desta análise, fica clara a importância da formação continuada dos professores para aprimorar o seu entendimento sobre os métodos de ensino e suas aplicações na sala de aula.

Segundo Tajra (2000, p. 8)

É preciso visualizar esta situação social que estamos vivendo. A educação necessita estar atenta às suas propostas e não se marginalizar tornando-se obsoleta e sem flexibilidade. Algumas dessas mudanças podem ser realizadas pelo professor que, tendo uma visão de futuro e possuindo mente aberta para refletir criticamente sobre sua prática no processo de ensino/aprendizagem, torna-se um agente ativo no sistema educacional.

Diante destas constatações, percebe-se que a nós educadores resta apenas um caminho a ser trilhado, o da constante atualização e aperfeiçoamento.

2.7.5 A Função da Escola Frente às Novas Tecnologias

Até aqui trabalhamos com a ideia de que a escola é o espaço do saber e que a educação é um bem historicamente construído pelo homem e que não é adquirido apenas na escola, mas em todas as relações que estabelecemos com o mundo.

Nesta discussão sobre os usos da tecnologia na educação, é preciso repensar também sobre o novo papel que a escola assume nesta sociedade. Esta apropriação da tecnologia pela escola requer do seu corpo docente, a adoção de novas práticas pedagógicas, novos caminhos e novas visões que acabem com a ideia de que a escola se constitui num recanto isolado, protegido por uma redoma de vidro, alheia aos progressos e limitações da sociedade. Ao dar espaço para o uso dos recursos tecnológicos a escola não vai perder sua identidade de instituição social e nem o professor vai perder a sua identidade de mediador. O que deve acontecer, é realmente uma aproximação daquilo que se ensina no interior das salas de aula com aquilo que realmente se vivencia no âmbito social fora dos muros escolares. Ou seja, não devemos pensar na escola, e que mais especificamente aquela que trabalham com um público jovem e adulto, como espaço que prepara as pessoas para exercerem funções ligadas a empregabilidade, usos de ferramentas ou normas preestabelecidas, mas dar oportunidades de exercerem a sua autonomia,

potencializar as suas descobertas em relação a busca do conhecimento e identificação de que é um ser social também produtor de conhecimentos.

Nóvoa (1992 p. 52) afirma que

as mudanças qualitativas que se exigem atualmente às escolas põem em questão aspectos fortemente enraizados nas mentalidades, relacionados com o modo de vida escolar, esta espécie de inconsciente coletivo, ao qual é muito difícil ter acesso sem um trabalho paciente de reconstrução, que precisa ser levado a cabo num vai-e-vem entre reflexão orientada e a prática.

É preciso entender que a tecnologia está a serviço da educação e da democratização do ensino e não contra ela ou contra a escola.

Este entendimento não é um processo que acontecerá de uma hora para outra, visto que ainda nos vemos emergidos num sistema educacional muito rígido e inseguro quanto a mudanças. É um caminho longo e difícil e que precisa ser trilhado aos poucos pelos educadores num incansável processo de tentativas e erros, análises e acertos.

Porto (2000, p. 55) afirma que

Apesar de as novas gerações serem criadas em ambientes comunicacionais, interagindo com tecnologias e recursos variados, a maioria das escolas em seu papel tradicional, continua reticente para integrar, em seu contexto, as novas tecnologias (dominadas pelo som e imagem), reproduzindo inquietação e perplexidade frente às mudanças da sociedade.

Não podemos mais nos esquivar da tecnologia pois ela está presente em nossa vida e está mais do que na hora da escola utilizá-la como suporte para superar as suas limitações e oportunizar situações de aprendizagem diferenciadas para os alunos.

2.7.6 Contribuições das Tecnologias no Processo Ensino/aprendizagem

É evidente nos dias atuais que os modelos educacionais vem aos poucos se modificando e absorvendo também para si as transformações tecnológicas pelas quais toda a sociedade passa. As escolas, por menores que sejam, são tecnologicamente bem equipadas, Dispõem de televisores, DVD, computadores e

poucas delas ainda não possuem internet (fala-se nestes termos referindo-se as escolas da nossa região, pois sabemos que num contexto mais amplo, nem todas as escolas tem esta mesma realidade). Muito mais do que utilizar estes recursos tecnológicos no dia a dia da sala de aula, é preciso pensar na formação do professor.

A escola precisa modernizar-se a fim de acompanhar as evoluções da sociedade como um todo. Dinamizar as aulas torná-las mais criativas e recheadas de informações atraentes, é responsabilidade do professor. Souza (2010) afirma que

...o material disponível na internet, ou mesmo filmes e documentários, não respeitam uma sequência linear de aprendizado. Assim, levando-se em consideração o conhecimento prévio do aluno, é possível proporcionar um envolvimento completo, uma interação ampla com o mundo que o cerca. Ele precisa ser desafiado para que possa aprender efetivamente.

Rosini (2000) em seu artigo “O uso da tecnologia da informática na educação” relata que em experiências vividas na área acadêmica com alunos de Pedagogia” (primeiros e segundos anos do curso), verificou que o uso das tecnologias na educação é uma preocupação existente dessa classe de educadores e que as principais vantagens constatadas na utilização de computadores na educação com os alunos são:

- despertar da curiosidade;
 - aumento da criatividade, principalmente nos casos de utilização no auxílio á aprendizagem de crianças deficientes, até então realizada de uma forma não tão eficaz;
 - uma ferramenta poderosa como auxílio no aprendizado, como por exemplo a utilização de *softwares* educacionais (multimídia);
 - uma produtividade maior em relação ao tempo necessário ao estudo propriamente dito;
- E, onde as principais desvantagens seriam:
- a falta de preparo dos próprios educadores e educandos;
 - as influências negativas causadas pela utilização de técnicas relacionadas com a tecnologia (computadores), ou seja, a utilização excessiva das máquinas e se realmente a utilização da tecnologia (computadores) significará um aperfeiçoamento efetivo do ensino no país. Neste caso comenta-se a eficácia da viabilização de projetos computacionais internamente nas instituições de ensino.

Com base nos estudos deste pesquisador é visível que há um entendimento dos professores sobre os benefícios da tecnologia para a melhor qualidade do processo de ensino e aprendizagem e ao mesmo tempo uma preocupação sobre a necessidade de preparo e conhecimento para trabalhar com estes recursos. Ou seja,

não basta apenas levar aparelhos eletrônicos para a sala de aula se de fato o seu uso não promover a aquisição de novos conhecimentos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 LOCAL DA PESQUISA

O presente estudo foi desenvolvido no município de São Miguel do Iguçu, situado na região oeste do estado do Paraná. (Figura 02)



Figura 2 – Mapa da Localização Geográfica do Município de São Miguel do Iguçu

Fonte: Disponível no Site Oficial do Município de São Miguel do Iguçu (2011)

O presente trabalho de pesquisa foi realizado com alunos e professores da Escola Municipal José Francisco de Oliveira e Escola Municipal Henrique Ghellere que atendem a alunos da EJA Fase I.

A Escola Municipal José Francisco de Oliveira situa-se na Rua David Canabarro, 355 no bairro Santa Catarina no município de São Miguel do Iguçu. É uma descentralização da Escola Municipal Henrique Ghellere e atende uma turma de Educação de Jovens e Adultos no período vespertino num total de 20 alunos.

É uma turma com realidades bem distintas, onde a professora trabalha com as quatro etapas (compreendidas aqui como 1ª a 4ª série) e há vários casos de alunos inclusos. A turma é constituída em maioria por senhoras. Os alunos frequentam as aulas de segunda-feira a sexta-feira, tendo um horário específico durante a semana para participarem de aulas de informática na escola.

A escola é equipada com vários recursos tecnológicos como televisores, DVD, aparelhos de som, projetor multimídia, acesso a internet e um laboratório de informática com 15 computadores que trabalham em rede e que são utilizados pelos alunos da EJA para a realização de suas atividades.

A Escola Municipal Henrique Ghellere é a escola sede da Educação de Jovens e Adultos Fase I. Localiza-se na Rua Valentin Celeste Palavro,s/n, no Bairro Floresta em São Miguel do Iguçu, Paraná.

No ano de 2010, todas as turmas descentralizadas que funcionavam no período noturno foram centralizadas nesta escola atendendo aproximadamente 60.alunos distribuídos em:

16 alunos de 1ª etapa

21 alunos de 2ª etapa

13 alunos de 3ª etapa

11 alunos de 4ª etapa.

Os alunos contam com transporte escolar próprio e frequentam as aulas de segunda-feira a quinta-feira. Há uma coordenadora pedagógica específica para a EJA e que trabalha com aulas de informática para os alunos que desejarem participar.

A escola é equipada com sala de vídeo, aparelho multimídia, sala de informática com 16 computadores que trabalham em rede e possuem acesso a internet.

As duas escolas possuem uma biblioteca com vasto material de leitura e consulta para atender desde a educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental e a educação de jovens e adultos.

3.2 TIPO DE PESQUISA E TÉCNICAS DE PESQUISA

Como o objetivo dessa pesquisa foi analisar quais são as contribuições do uso de recursos tecnológicos na Educação de Jovens e Adultos Fase I, ela pode ser considerada de natureza exploratória.

Por se tratar de uma pesquisa exploratória podem ser utilizados questionários, entrevistas, observação participante e análise de conteúdo, etc.

Para a realização e levantamento de dados das duas escolas pesquisadas foram utilizado às técnicas de observação livre e a aplicação de questionário. A pesquisa procurou obter informações a respeito da aceitação e uso das tecnologias no ambiente escolar por parte dos educandos e educadores bem como os benefícios provenientes deste uso.

A observação livre, uma das técnicas utilizadas nesse estudo, é fundamental em qualquer pesquisa e não se traduz em um simples olhar. Implica em uma vivência cotidiana da qual se extrai a essencialidade das experiências na concepção do pesquisador. Para Triviños (1995 *apud* MUCELIN, 2006, p. 107), “observar é: [...] destacar de um conjunto (objetos, pessoas, animais, etc.) algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características (cor, tamanho etc.). Observar um fenômeno social significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações etc.”

O questionário foi outra técnica metodológica utilizada, e que se trata de um conjunto de perguntas que a pessoa lê e responde sem a presença de um entrevistador, no caso dos professores e com a ajuda do pesquisador no caso dos educandos, por se tratarem de alunos ainda analfabetos ou em processo de alfabetização.

Segundo Marconi & Lakatos (1996) as vantagens e desvantagens do método do questionário em relação às entrevistas são:

As vantagens: utilizam-se menos pessoas para ser executado e proporcionam economia de custo, tempo, viagens, com obtenção de uma amostra maior e não sofre influência do entrevistador. Dentre as desvantagens pode ser citadas: baixo índice de devolução, grande quantidade de perguntas em branco; dificuldade de conferir a confiabilidade

das respostas; demora na devolução do questionário e a impossibilidade do respondente tirar dúvidas sobre as questões, o que pode levar as respostas equivocadas.

Os questionários (Apêndices A e B) foram elaborados especificamente aos educandos e aos educadores, composto por perguntas fechadas, diretas e objetivas relacionadas ao uso das tecnologias educacionais, em que o respondente sabia o objetivo da pesquisa. Foram respondidos 30 questionários, sendo 24 por educandos e 6 por educadores que trabalham com as turmas de EJA.

A população desta pesquisa foi composta por aproximadamente 60 estudantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos) da Escola Municipal José Francisco de Oliveira e Escola Municipal Henrique Ghellere do município de São Miguel do Iguçu-Pr.

Além dos alunos, foram pesquisados 6 professores que trabalham com esta modalidade de ensino.

Os instrumentos para a coleta de dados utilizados nesta pesquisa foram:

- Questionário com perguntas fechadas, respondidas pelos educandos e educadores (Apêndices A e B), das referidas escolas.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Após a realização da pesquisa por meio do questionário e da observação das atividades realizadas pelos educadores em sala de aula, as informações coletadas foram analisadas e sistematizadas em forma de gráficos, tabelas ou expressos em textos. Foram aplicados aproximadamente 40 questionários, sendo 06 para educadores e 34 para os educandos. Porém, dos educandos apenas 24 responderam e devolveram o questionário para a análise das informações.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 RESULTADOS DOS EDUCADORES

Foram entrevistados cinco educadores³ que trabalham com a Educação de Jovens e Adultos Fase I no município de São Miguel do Iguçu e uma coordenadora pedagógica. Todos os educadores entrevistados são do sexo feminino.

Os educadores entrevistados são professores efetivos da rede municipal de ensino, possuindo bastante experiência docente (cinco professores estão na educação a mais de 15 anos) o que auxilia no trabalho com a EJA, visto que o educador que trabalha com estes alunos precisa ser acessível e dominar métodos e técnicas de ensino diversificadas para contemplar a diversidade de seus alunos. Destes professores 50% já trabalharam com EJA por três anos ou mais e 50% trabalham com a educação de adultos pela primeira vez.

Todos os professores que trabalham com a EJA possuem formação acadêmica em nível superior e 50% possui também pós-graduação, todos em áreas voltadas para a educação conforme especificado na tabela 2.

Tabela 2 – Formação dos Professores da EJA Fase I

Graduação	Nº de professores	Pós Graduação
Normal Superior	4	Psicopedagogia
Pedagogia	2	Pedagogia Escolar Séries Iniciais, Direção e Coordenação

Esta formação acadêmica é muito importante pois demonstra que os educadores estão fundamentados teoricamente para desempenhar o trabalho em sala de aula. Além da formação acadêmica, os professores também participam de Grupos de Estudos para formação continuada que são ofertados pela Secretaria Municipal de Educação.

³ O município de São Miguel do Iguçu oferta a Educação de Jovens e Adultos em apenas 05 turmas, por isso o número de professores é baixo. Para acompanhar o trabalho dos professores e alunos a escola possui uma coordenadora pedagógica que também respondeu ao questionário.

A maioria dos professores entrevistados (4 professores) responderam que sentem-se seguros em trabalhar com os recursos tecnológicos e 2 deles não tem segurança para usar a tecnologia como suporte para as suas aulas.

Todos os professores entrevistados responderam que utilizam o computador para outras finalidades que não seja o trabalho, demonstrando que todos percebem a sua importância nas atividades desenvolvidas diariamente, desde aquelas relacionadas com o trabalho até as atividades que envolvam o lazer. No entanto, mesmo que saibam utilizar o computador, ainda falta conhecimento de encaminhamentos metodológicos que possam promover o seu uso com ferramenta de auxílio para o professor em sala de aula como meio de enriquecer os seus encaminhamentos metodológicos. Valente (2005, p. 30) afirma que é necessário que o professor tenha formação voltada para o entendimento do uso das diferentes tecnologias em sala de aula e comenta que

A formação do professor, portanto, envolve muito mais do que provê-lo com conhecimento técnico sobre computadores. Ela deve criar condições para que ele possa construir conhecimento sobre os aspectos computacionais, compreender as perspectivas educacionais subjacentes às diferentes aplicações do computador e entender como pode integrar o computador na sua prática pedagógica.

Também foi possível perceber que os professores tem conhecimento de que a internet pode ser um poderoso aliado para a preparação das aulas pois oferece várias possibilidades para consulta que vão desde materiais de embasamento teórico até sugestões de atividades para serem desenvolvidas. Todos os professores afirmaram que utilizam a internet como fonte de auxílio na preparação das suas aulas, alguns inclusive, utilizam-na como fonte de pesquisa em mais de um aspecto como pode ser visto no gráfico 2.

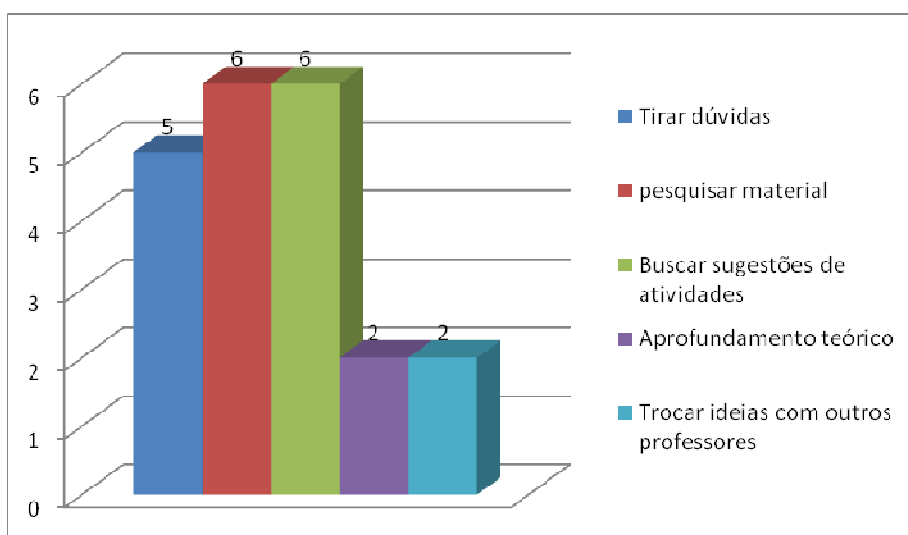


Gráfico 2 – Usos da Internet na Preparação das Aulas

Os professores também responderam que utilizam diversos materiais como fontes de pesquisa na preparação das aulas. Dentre estes materiais, todos afirmaram que utilizam os livros como fonte de consulta e também a internet, demonstrando que a tecnologia está aliada e presente na prática do professor como mostra o gráfico 3.

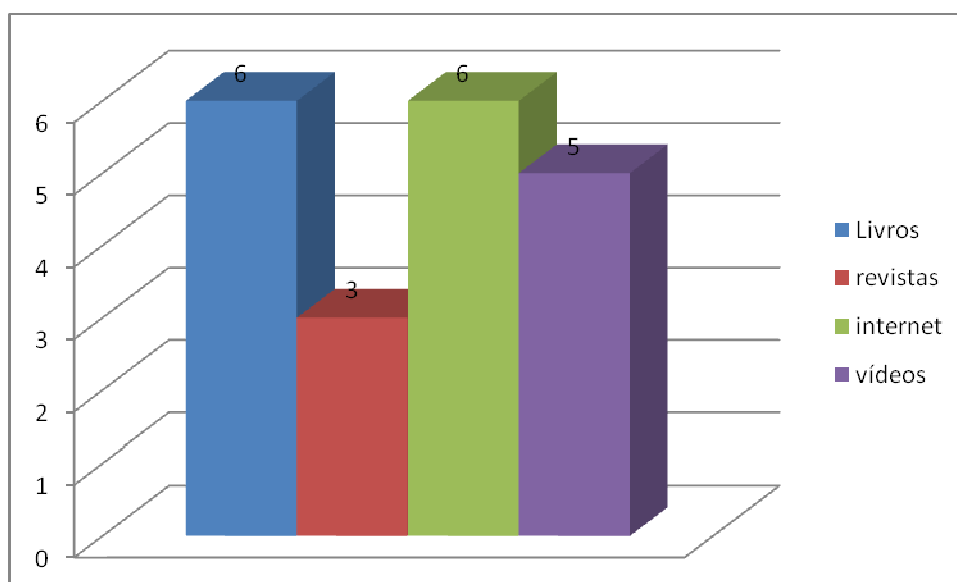


Gráfico 3 – Fontes de Pesquisa Utilizadas para Desenvolver os Planos de Aula.

Embora a tecnologia seja um elemento da cultura bastante expressivo, ela precisa ser devidamente compreendida em termos das implicações do seu uso no processo de ensino e aprendizagem. Essa compreensão é que permite ao professor integrá-la à prática pedagógica. (PRADO, 2005)

Os seis professores entrevistados também responderam que apesar de em determinados momentos sentirem insegurança no uso de recursos tecnológicos durante a aplicação dos conteúdos, procuram utilizar sempre que possível como forma de diversificar a sua aula. O gráfico 4 mostra quais são os recursos mais utilizados pelos professores em sala de aula:

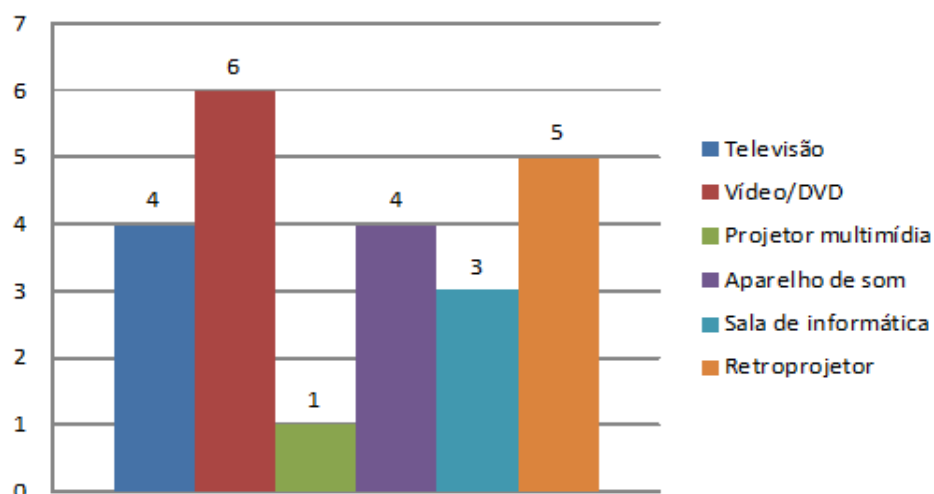


Gráfico 4 – Recursos Tecnológicos Utilizados em Sala de Aula

Conforme Prado (2005, p. 55)

é fundamental que o professor, independente de sua área de atuação, possa conhecer as potencialidades e as limitações pedagógicas envolvidas nas diferentes tecnologias, seja o vídeo, a Internet, o computador, entre outras. Importa que cada uma delas carregue suas próprias especificidades, que podem ser complementadas entre si e/ou com recursos não tecnológicos. Por sua vez, uma determinada tecnologia configura-se por uma multiplicidade de recursos distintos, os quais devem ser considerados para que seu uso seja significativo para os envolvidos e pertinente ao contexto.

As duas escolas municipais que atendem a EJA possuem um moderno e bem equipado laboratório de informática e como forma de promover a integração dos alunos com o mundo tecnológico que os rodeia, todos os professores dispõem de um horário semanal em que os alunos frequentam o laboratório de informática da escola. As aulas de informática são trabalhadas por uma professora específica, não estando sob a responsabilidade do professor regente a sua aplicação. No entanto, há um contato permanente entre os professores de modo que as atividades

desenvolvidas possam vir de encontro ao trabalho desenvolvido em sala pelo professor regente.

Quanto a finalidade do uso da sala de informática, os professores responderam que utilizam para aprimorar o conteúdo que estão trabalhando nas suas aulas (4 professores), como forma de lazer, para descontrair os alunos e ensiná-los a utilizar os recursos da internet e do próprio computador (1 professor), utiliza o computador para outras finalidades (1 professor) e não respondeu a pergunta (1 professor).

Tendo em vista que a aprendizagem é um processo de construção do aluno onde o professor é um mediador deste processo, torna-se evidente que ele precisa aproximar a realidade vivida por seus educandos com o mundo globalizado em que estão inseridos. Almeida (2005, p. 72) afirma que “criar ambientes de aprendizagem com a presença da tecnologia significa utilizá-la para a representação, a articulação entre pensamentos, a realização de ações e o desenvolvimento de reflexões contínuas.”

Quando questionados sobre o interesse dos alunos nas aulas de informática, todos os professores responderam que sentem interesse dos alunos na participação das aulas por se tratar de um ambiente diferente e que possibilita várias formas de pesquisa e aproxima a escola da realidade em que vivem, pois a tecnologia está cada vez mais presente na sociedade.

Os professores relataram também que os recursos tecnológicos auxiliam os educandos a expandir o seu conhecimento embora alguns alunos prefiram métodos tradicionais de ensino, que priorizam a leitura e a escrita.

Os professores também concordam que as tecnologias proporcionam o aprimoramento pessoal pois possibilitam o acesso a materiais diversificados para transformar informações em conhecimentos que enriquecem a prática docente.

4.2 RESULTADOS DOS EDUCANDOS

A presente pesquisa teve 24 alunos respondentes e que estudam na Escola Municipal Henrique Ghellere e Escola Municipal José Francisco de Oliveira, em São Miguel do Iguaçu.

Conforme o gráfico 5 é possível perceber que a maior parte dos alunos da EJA são mulheres. Este é um aspecto bastante interessante, pois acarreta na presença de crianças nas salas de aula da EJA, pois como muitas destas mulheres são mães e não tem com quem deixar os filhos a noite para estudar, acabam levando as crianças junto para a escola.

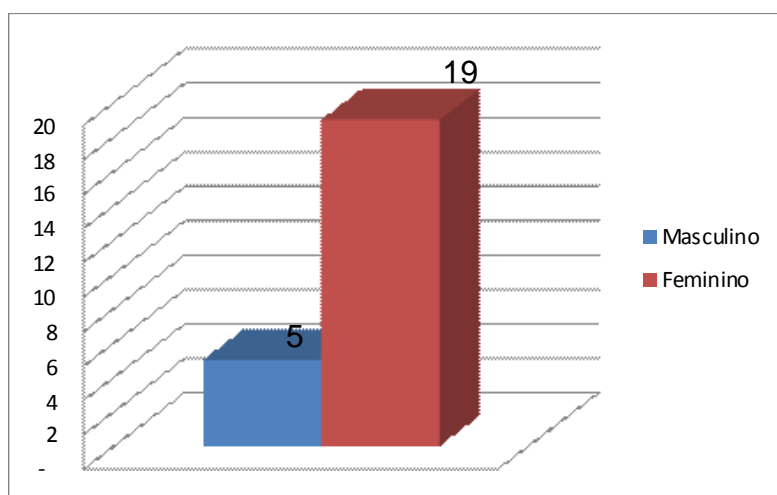


Gráfico 5 – Gênero dos Alunos que Responderam o Questionário

A faixa etária destas turmas é bastante diversificada, porém o maior número de alunos está acima dos 40 anos de idade, o que torna as turmas tranquilas para o trabalho. No entanto é possível perceber que há uma grande presença de jovens nas turmas da EJA. Realizando-se uma análise do sistema educacional brasileiro, podemos afirmar que a presença destes jovens nestas turmas reflete um problema educacional brasileiro, pois estes alunos que hoje frequentam a EJA, já foram alunos do ensino regular e que por inúmeros motivos (que vão desde a necessidade do trabalho até sucessivas reprovações) desistiram do ensino regular.

É possível perceber que grande parte dos alunos da EJA está em idade produtiva, então a necessidade de capacitação e qualificação para o mercado de trabalho acaba sendo um fator importante para o regresso destes alunos para a sala de aula. O gráfico 6 apresenta o perfil da faixa etária dos alunos entrevistados.

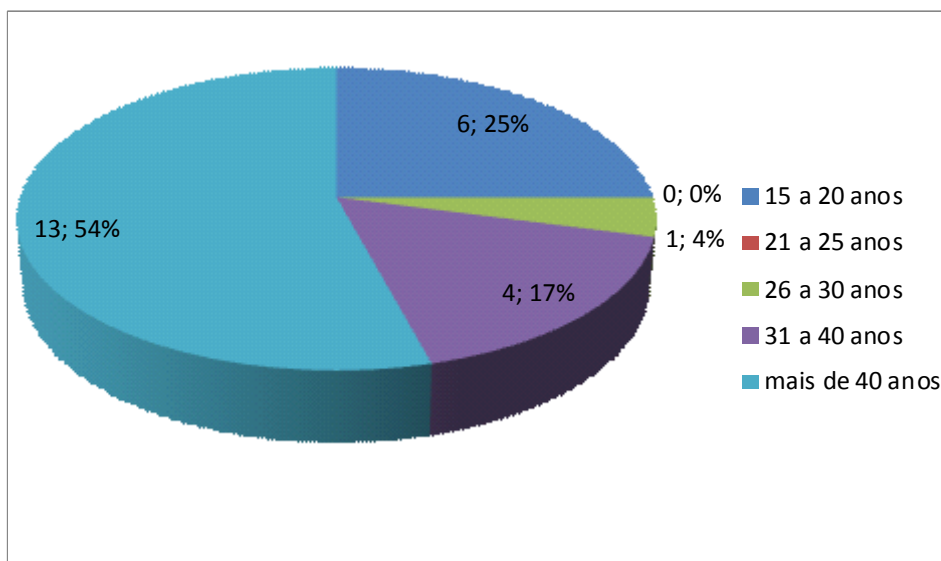


Gráfico 6 – Faixa Etária dos Alunos Atendidos pela EJA Fase I

Os pesquisados responderam que voltaram a estudar por necessidades do mercado de trabalho e também por realização pessoal, conforme mostrado no gráfico 7.

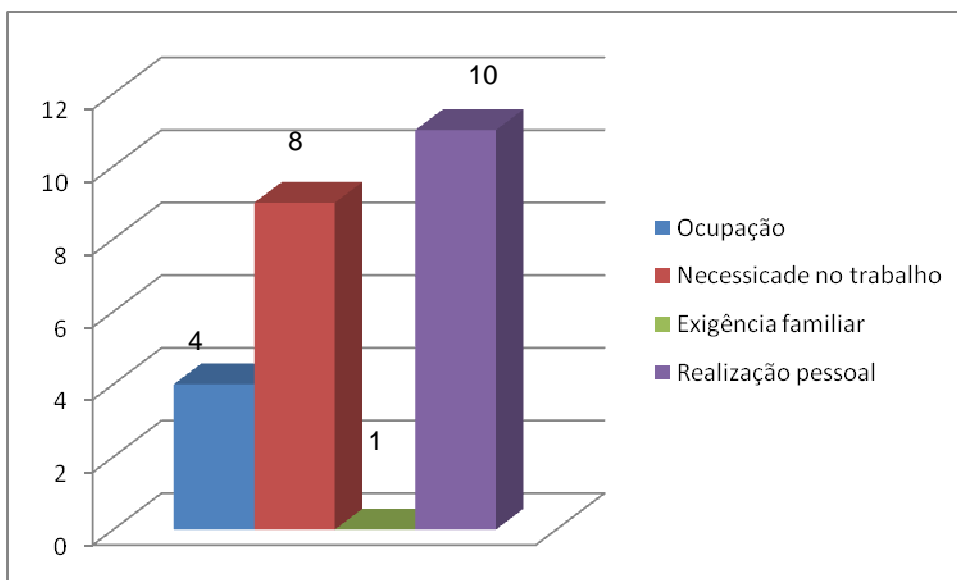


Gráfico 7 – Principais Motivos que Levaram os Alunos da EJA a Voltar para a Escola.

Este resultado voltado para a satisfação pessoal se deve ao fato de vários dos alunos respondentes terem idade acima dos 40 anos, algumas aposentadas, e que retornaram para a escola para satisfazer um desejo pessoal, o de aprender a ler e escrever.

Na questão relativa aos recursos tecnológicos que os alunos possuem em suas casas, apenas um aluno respondeu que não possui televisão. Fica evidente que a maior parte dos alunos tem acesso às tecnologias básicas que nos permitem ter acesso à informação. Segundo Kenski (2005, p. 93) “difícilmente nossa vida cotidiana seria possível, neste estágio de civilização, sem as tecnologias. Elas invadiram definitivamente nosso cotidiano e já não sabemos viver sem fazer uso delas.” O gráfico 8 apresenta o resultado da questão, qual(is) recursos tecnológicos possuem em sua casa.

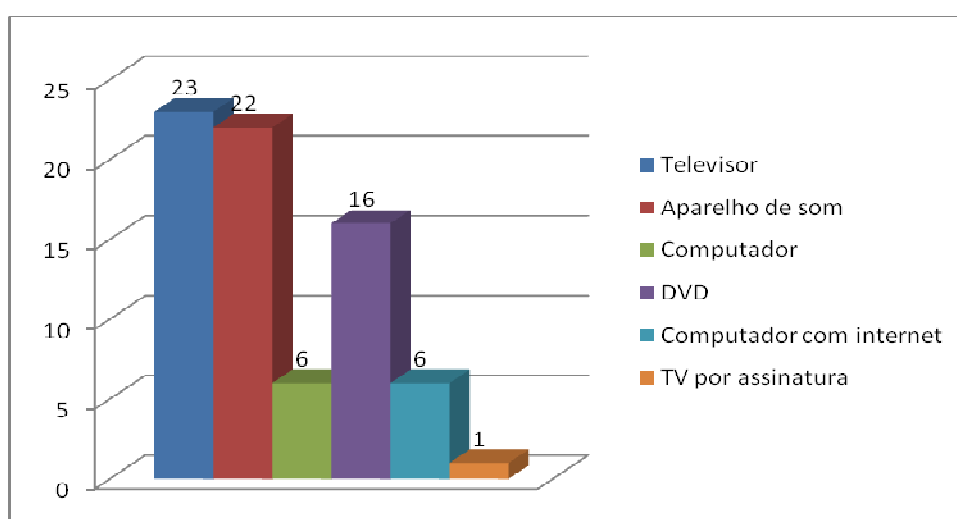


Gráfico 8 – Recursos Tecnológicos que os Alunos Dispõem em suas Residências.

Quando questionados sobre os programas veiculados pela televisão que mais assistidos nas suas residências, os alunos citaram que os programas preferidos são as novelas e telejornais e depois aparecem os programas educativos, filmes, esporte e animações (Gráfico 9). Na sociedade capitalista em que vivemos, as mídias detem o poder de manipular a informação que chega até as massas que fazem uso delas. São recursos extremamente envolventes pois partem do concreto, daquilo que é visível e que mexe com a emoção de quem visualiza. Então, o professor precisa estar preparado para fazer junto com o aluno, uma análise crítica do conteúdo veiculado pela televisão, visto que os mesmos acabam chegando até a sala de aula. E como a televisão ou outros recursos visuais chamam a atenção de forma impactante e por que não dizer sedutora, cabe ao educador a responsabilidade de começar seu trabalho em sala de aula pelos sentidos, de nada adianta “bater de frente” com as verdades apresentadas pela televisão. Moran (2005, p. 97) afirma que

Isso nos dá pistas para começar na sala de aula pelo sensorial, pelo afetivo, pelo que toca o aluno antes de falar de idéias, de conceitos, de teorias. Partir do concreto para o abstrato, do imediato para o mediato, da ação para a reflexão, da produção para a teorização.

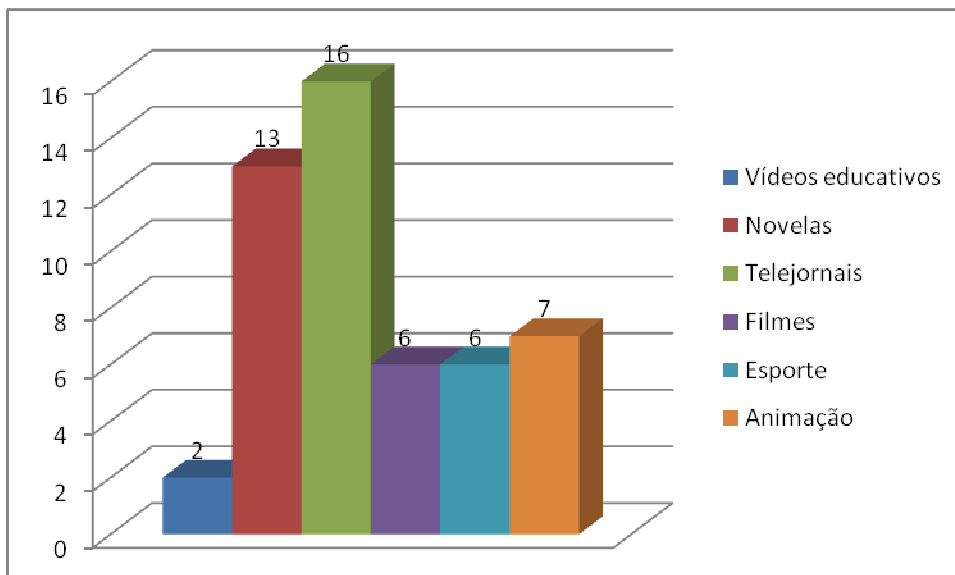


Gráfico 9 – Programas mais Assistidos pelos Educandos da EJA Fase I

Os educandos também foram questionados sobre o uso do computador, um dos recursos tecnológicos que mais ocupam espaço na sociedade. Todas as formas de trabalho e de registro acabam passando por ele. Dos alunos pesquisados, 17 responderam que fazem o uso do computador apenas na escola com auxílio e orientação do professor, 3 fazem uso do computador na escola e também utilizam em suas residências para os mais variados fins e 4 alunos não responderam a presente questão. (Gráfico 10).

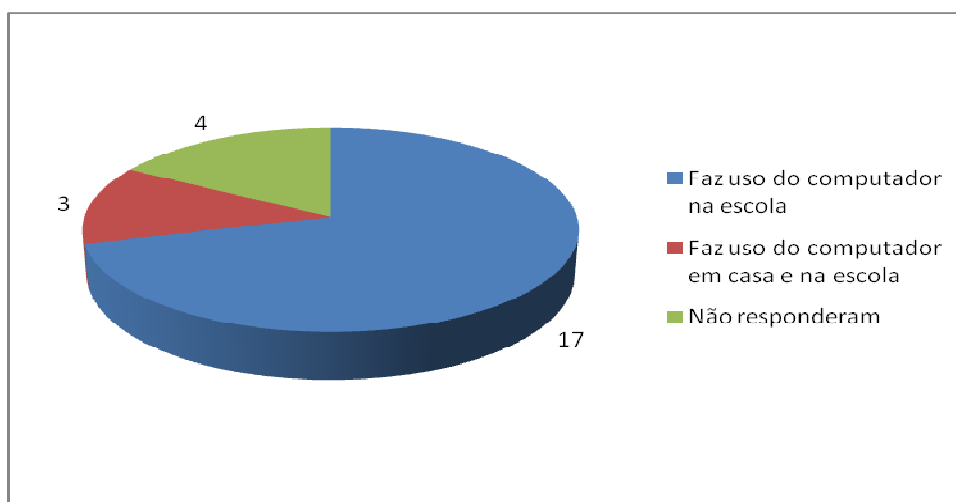


Gráfico 10 – Locais onde os Educandos da EJA Fazem uso do Computador

O gráfico 11, mostra que a maioria expressiva dos alunos da EJA nunca haviam tido contato com o computador antes de terem esta possibilidade na escola. O contato com este recurso tecnológico aconteceu por meio das aulas de informática ofertada semanalmente aos alunos como forma de complementar o trabalho do professor. Sob esta análise, fica claro a mudança da atuação do professor na mediação desta relação entre o educando e os recursos tecnológicos. Almeida (2005, p. 73) afirma que “o professor atua como mediador, facilitador, incentivador, desafiador, investigador do conhecimento, da própria prática e da aprendizagem grupal e individual.”

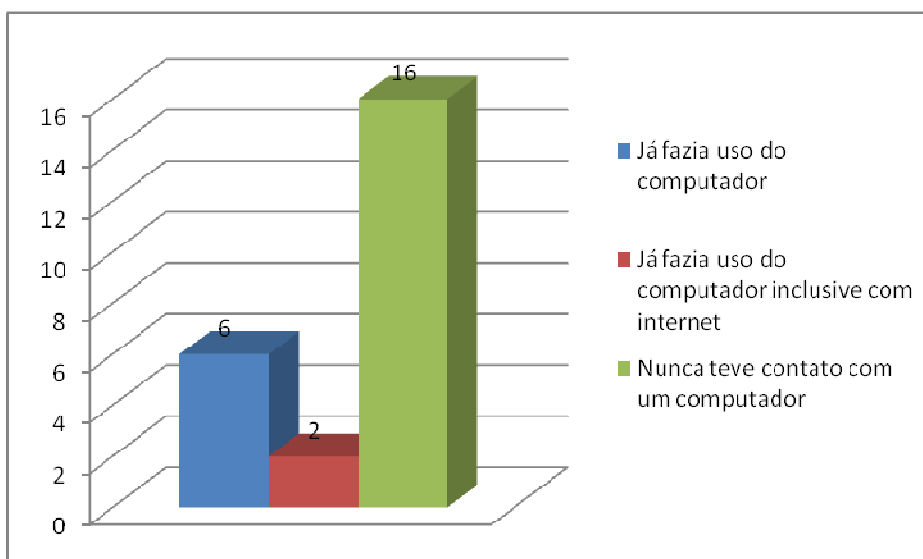


Gráfico 11 – Uso do Computador Anterior a Escola.

Os educandos da EJA participam das aulas de informática ofertadas pela escola e acreditam que elas ajudam a compreender os conteúdos trabalhados em sala pelo professor, uma vez que este planeja as aulas com antecedência para contemplar os conteúdos abordados utilizando os recursos da internet ou mesmo jogos educativos para enriquecer as informações (Gráfico 12). Os recursos pedagógicos da internet, a pesquisa, a comunicação e a representação podem perfeitamente ser utilizados de forma articulada. O importante é o professor conhecer as especificidades de cada um dos recursos para orientar-se na criação de ambientes que possam enriquecer o processo de aprendizagem do aluno. (PRADO, 2005).

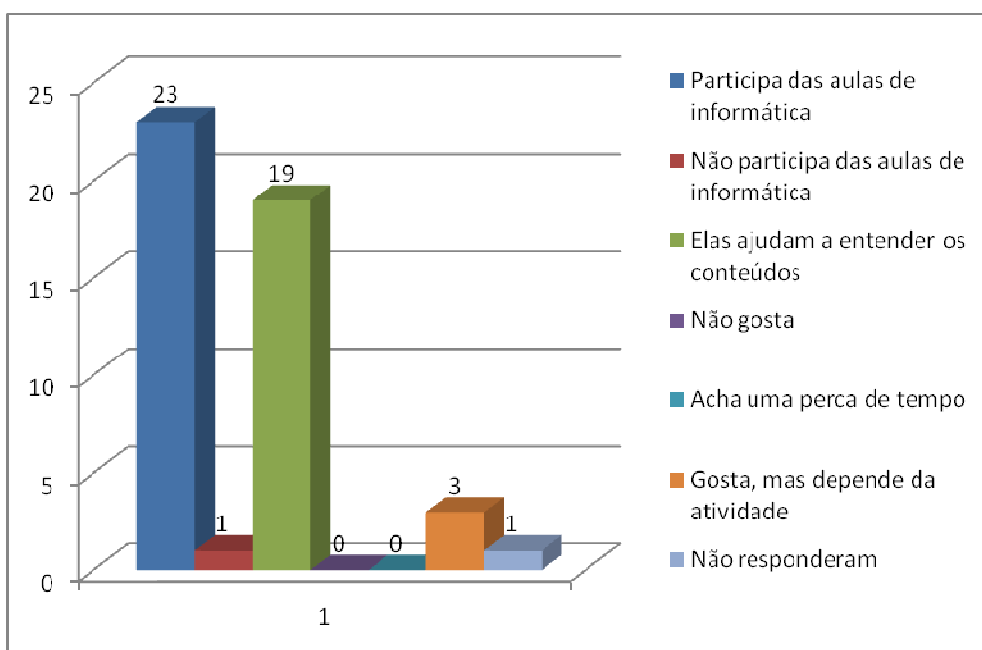


Gráfico 12 – Participação nas Aulas de Informática Ofertadas pela Escola e Apreciação das Mesmas

Os educandos também responderam que gostam quando o professor utiliza de recursos diferenciados para trabalhar em sala de aula. Eles acreditam que os recursos tecnológicos melhoram a qualidade da aula pois, a tornam mais interessante e facilitam a aprendizagem dos conteúdos trabalhados.(Gráfico 13).

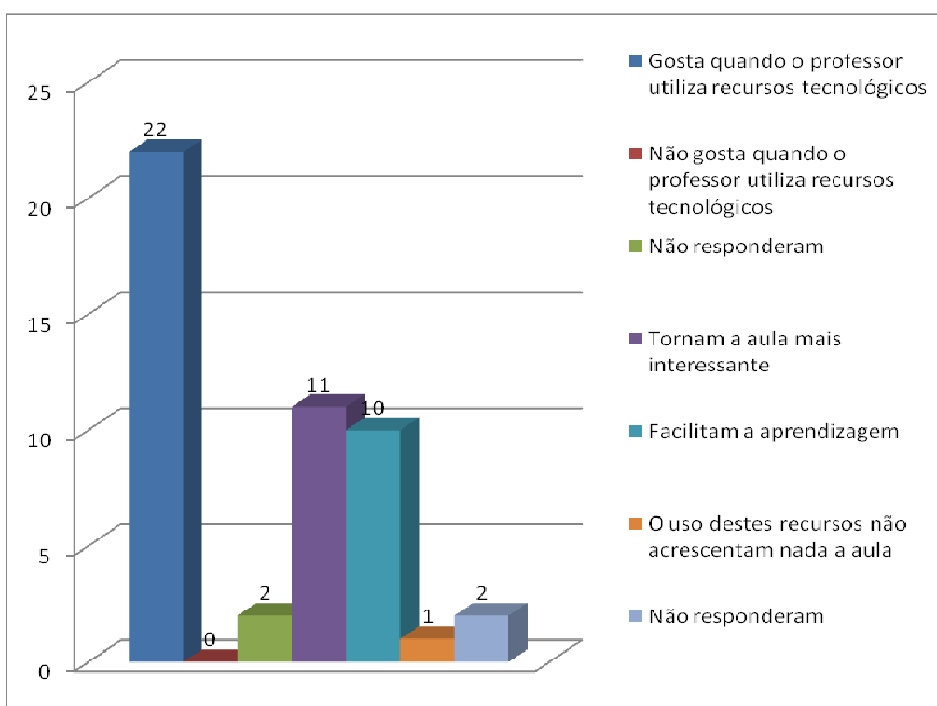


Gráfico 13 – Contribuições dos Recursos Tecnológicos para a Aprendizagem

Os recursos tecnológicos nada significam em si, nada fazem por si sós. Eles precisam estar a serviço de um projeto pedagógico claro. Seu uso precisa ser planejado de forma sistêmica e estar aliado a outros recursos. Seu papel é limitado e, afora atividades de curta duração e/ou pequena abrangência conceitual, deve estar aliado ao uso de outros meios. (TORNAGHI, 2005)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo por base as leituras realizadas e a análise dos resultados obtidos através da presente pesquisa, é possível considerar que não há como trabalhar nos ambientes escolares sem fazer uso de recursos tecnológicos, pois eles estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano.

Sendo assim, a tecnologia também é essencial para a educação sendo que são elementos indissociáveis. Kenski (2007, p. 43) afirma que “podemos atambém ver a relação entre educação e tecnologias de um outro ângulo, o da socialização da inovação. Para ser assumida e utilizada pelas demais pessoas, além do seu criador, a nova descoberta precisa se ensinada.”

Os resultados dos questionários que foram respondidos por professores e alunos também demonstraram que há entendimento da necessidade de aliar as possibilidades que os recursos tecnológicos podem oferecer para melhorar a qualidade das aulas que são desenvolvidas pois o uso de diferentes estratégias, permite desenvolver, despertar o conhecimento dos educandos das mais diversas formas tornando o ato de aprender significativo e prazeroso.

É certo que os educadores ainda tem um longo caminho a trilhar até terem segurança na utilização dos equipamentos tecnológicos em sala de aula e neste processo, a formação do professor se faz essencial, pois este profissional precisa estar em constante processo de construção e reconstrução do seu conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos. In: BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília, 2005.

BARROS, Alexandre. Uma Velha Promessa: Erradicar o Analfabetismo. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n. 242, p. 28-30, mai. 2011.

BRASIL. CONSELHO Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. Lei 9.394/96. LDBEN. Brasília, 1996

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB Fácil**: leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Novo Aurélio Século XXI**: Dicionário da Língua Portuguesa-Nova Fronteira, 3ª edição, Rio de Janeiro, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: sete saberes necessários à educação. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

GAMA, Ruy. **A tecnologia e o trabalho na história**. São Paulo: Livraria Nobel S. A., 1986.

HADDAD, Sergio, **A Educação de Pessoas Jovens e Adultas e a Nova LDB**. In: BRZEZINSKI, I, LDB Interpretada: Diversos olhares se entrecruzam. 2ª edição revisada, Cortez, 1998.

HAHN, Clari Terezinha. Educação de Jovens e Adultos e a promoção da Cidadania. In: HARLOS, Franco Ezequiel (org.) **Vida Docente: Escrever é Preciso**. Bauru, SP: Canal 6, 2009.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: o Novo Ritmo da Informação. São Paulo: Papyrus, 2007.

KENSKI, Vani Moreira. As tecnologias invadem nosso cotidiano. In: BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília, 2005.

KRUPPA, Sonia M. Portella. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

LEONTIEV, A.N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

LURIA, A. R. Diferenças culturais de pensamento. In: LURIA, A. R. et. Al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MORAN, José Manuel. Desafios da televisão e do vídeo na escola. In: BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília, 2005.

MUCELIN, C. A. **Estudo Ecológico de Fragmentos Ambientais Urbanos: Percepção Sígnica e Pesquisa Participante**. 2006. 413 f. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais) – Programa de Pós-Graduação em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais, Universidade Estadual de Maringá, 2006. Disponível em: <<http://nou-rau.uem.br/nou-rau/document/?code=vtls000163466>>. Acesso em: 31 jul. 2011.

NÓVOA, Antonio. **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Don Quixote, 1992.

Organização das Nações Unidas para a Educação, A Ciência e a Cultura, 5ª Conferência Internacional sobre Educação de Jovens e Adultos, V CONFINTEA, 1997.

PAIS, Luiz Carlos. **Educação Escolar as Tecnologias da Informática**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba, 2006.

PORTO, Tania Maria Esperon. **A televisão na escola... Afinal, que pedagogia é esta?** Araraquara: JM Editora, 2000.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. Articulações entre áreas do conhecimento e tecnologia. Articulando saberes e transformando a prática. In: BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília, 2005.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão, **Educação de jovens e Adultos-(Proposta Curricular para o 1º segmento do Ensino Fundamental)** São Paulo, 1997.

ROSINI, Alessandro Marco. **O uso da tecnologia da informática na educação. Uma reflexão no ensino com crianças**. Disponível em <<http://www.ipv.pt/millenium/millenium27/15.htm>>. Acesso em: 05 out. 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MIGUEL DO IGUAÇU, 2011. Disponível em <<http://www.saomiguel.pr.gov.br/municipio/localizacao.php>>. Acesso em: 03 jun. 2011.

SANTOS, Cintia Maria Basso dos; MARQUES, Janete Tonello. Buscando a Construção e (re)construção da Práxis Pedagógica. In: HARLOS, Franco Ezequiel (org.) **Vida Docente: Escrever é Preciso**. Bauru, SP: Canal 6, 2009.

SOUZA, Cassia Garcia; MENEGHELLO, Marinez; PASSOS, Angela. **É bom aprender letramento e alfabetização matemática** : Educação de Jovens e Adultos. 1. Ed. São Paulo: FTD, 2009.

SOUZA, Renata Beduschi. **O uso das tecnologias na educação**. Disponível em http://www.revistapatio.com.br/conteudo_exclusivo_conteudo.aspx?id=77, acesso em 14/07/2011.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na Educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor da Atualidade**. 2. Ed. Ver. São Paulo: Érica, 2000.

TORNAGHI, Alberto. Computadores, internet e educação a distância. In: BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília, 2005.

VALENTE, José Armando. Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador: o papel do computador no processo ensino-aprendizagem. In: BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília, 2005.

OBRAS CONSULTADAS

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LOLLINI, Paolo. **Didática e Computador**: Quando e como a Informática na Escola. São Paulo: Loyola, 1991.

MORAN, J. M. **Novas Tecnologias e o Reencantamento do Mundo**. Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, vol. 23, n.126, setembro-outubro 1995, p. 24-26.

APÊNDICE(S)

APENDICE A – Estudo exploratório com educadores sobre o uso da tecnologia no ambiente escolar e suas contribuições para a prática pedagógica

Caros Educadores

Tendo esta pesquisa o intuito de estabelecer quais são as contribuições da tecnologia no processo educativo, solicito a sua colaboração com o preenchimento deste questionário.

Identificação:

1 – Sexo: () Masculino () Feminino

2- Há quanto tempo atua na educação:

() 1 a 5 anos () 6 a 10 anos () 11 a 15 anos () mais e 15 anos

3 – Formação (assinale a opção que compreende a sua maior formação)

() Magistério () Ensino Superior Completo () Ensino Superior Incompleto

() Pós-Graduação () Outros

As perguntas elaboradas e descritas a seguir tem o intuito de conhecer quais são as suas habilidades, conhecimentos e prática com a tecnologia atualmente:

4 – Você sente-se seguro em trabalhar com recursos tecnológicos em suas aulas?

() sim () não

5 – Você utiliza o computador nas suas atividades escolares? () sim () não

6 – Você utiliza o computador fora da escola para outras finalidades que não sejam trabalho?

() sim () não

7 – Você utiliza a internet como instrumento de auxílio na preparação das suas aulas?

() sim () não

8 – Se respondeu sim, para que a utiliza?

- tirar dúvidas pesquisar material buscar sugestões de atividades
 aprofundamento teórico Trocar ideias com outros professores

9 – Que fontes de pesquisa utiliza para desenvolver seus planos de aula:

- livros revistas científicas e artigos internet vídeos

10 – Utiliza recursos tecnológicos em suas aulas? sim não

Quais?

- televisão vídeo/DVD projetor multimídia aparelho de som
 sala de informática retroprojetor

11 – Utiliza a sala de informática com seus alunos? sim não

Com que frequência?

- 1 vez por semana duas vezes por semana três vezes ou mais

12 – Durante o uso da sala de informática, quais são as suas intenções:

- aprimorar o conteúdo estudado lazer/diversão Outros

13 – Como você sente o interesse dos alunos nas aulas de informática?

- gostam não gostam sentem-se obrigados a realizar as atividades
 participam por respeito ao professor

14 – Na sua opinião, o uso de variados recursos tecnológicos favorece o aprendizado do educando da EJA? sim não

Por quê?

.....

E do educador? sim não

Por quê?

.....

APENDICE B – Estudo exploratório com os educandos sobre o uso da tecnologia no ambiente escolar e suas contribuições para a prática pedagógica

Caros Educadores

Tendo esta pesquisa o intuito de estabelecer quais são as contribuições da tecnologia no processo educativo, solicito a sua colaboração com o preenchimento deste questionário.

Identificação:

1 – Sexo:

Masculino Feminino

2 – Idade:

15 a 20 anos 21 a 25 anos 26 a 30 anos 31 a 40 anos

mais de 40 anos

3 – Qual etapa está cursando?

1ª etapa 2ª etapa 3ª etapa 4ª etapa

4 – Que motivos o levaram a voltar a estudar?

ocupação necessidade no trabalho exigência familiar realização pessoal

As perguntas elaboradas e descritas a seguir tem o intuito de conhecer quais são as suas habilidades, conhecimentos e práticas com a tecnologia atualmente:

5 – Quais recursos tecnológicos você dispõem em sua residência?

televisão rádio/aparelho de som computador vídeo/DVD

computador com internet TV por assinatura

6 – Você assiste com mais frequência:

vídeos educativos novelas telejornais filmes esportes

animação

7 – Você faz uso do computador?

sim, em casa

sim, na escola

Antes das aulas de informática oferecidas pela escola você:

já fazia uso do computador

já fazia uso do computador inclusive da internet

nunca teve contato com um computador.

8 – Você participa das aulas de informática oferecidas pela escola? sim não

O que você acha das aulas?

gosta pois elas ajudam a entender melhor os conteúdos

não gosta

acha uma perda de tempo

gosta, mas depende da atividade realizada

9 – Você gosta quando os professores utilizam recursos tecnológicos (TV, vídeos, multimídia...) para desenvolver suas aulas? sim não

Por quê?

tornam a aula mais interessante

facilitam a aprendizagem

O uso destes recursos não acrescenta nada na aula.

10 – Em sua opinião, o uso de diferentes tecnologias no processo de ensino/aprendizagem auxiliam na construção do conhecimento:

sim

não